

MARGARET DOODY

O ENIGMA DE ARISTÓTELES





Título: *O Enigma de Aristóteles*
Autor: Margaret Doody
© 1978 by Bodley Head

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por
Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência
Tradução: Maria Luísa Santos
Revisão: Rosa Vilaça

Impressão e acabamento: Rolo & Filhos II, S.A.
Depósito legal n.º 317611/10
Acabou de imprimir-se em Novembro de 2010

ISBN: 978-989-637-282-8

*Dedico afectuosamente este livro
à minha irmã Mary Elizabeth Howell-Jones,
na esperança de que possa satisfazer
uma verdadeira classicista.*

— |

| —

— |

| —

LISTA DE PERSONAGENS



Aristóteles, filho de **Nicómaco**: filósofo e mestre do Liceu em Atenas, 53 anos

Estéfano, filho de **Niciarco**: jovem, 23 anos, agora chefe de família; antigo aluno de Aristóteles

Filémon, filho de **Lícias**: primo de Estéfano, 23 anos, enviado para o exílio aos 19 anos por homicídio

Eudóxia: tia de Estéfano, mãe de Filémon

Mãe de Estéfano: viúva e dada às lágrimas, porém forte

Teodoro: irmão mais novo de Estéfano, 7 anos

Pítia: mulher de Aristóteles

Butades: homem abastado do clã aristocrático dos

Eteobúadas, 50 anos, trierarca e figura social importante

Polignoto: sobrinho de Butades; rico, patrocinador de uma peça para as Dionísias

«**O Sinopeu**»: jovem escravo de Polignoto

Eutíclides: cidadão corpulento, vizinho e parente de Butades

Telemon: cidadão frágil, muito conversador e coxo

Clióforo: cidadão alegre que gosta de contar novidades

Teosóforo: cidadão circunspecto, dado a observações acutiantes

Arquimeno: cidadão nobre de aparência distinta; igualmente trierarca e sócio de Butades

Melissa: jovem muito bela, em tempos a viver em Tebas

Nusia: velha ama, serva de Melissa

Focon: escravo mais velho de Aristóteles

Autilo: outro dos escravos de Aristóteles

Lícias: criança pequena

Mícon: jovem cidadão, um dos antigos colegas de Estéfano

Dametas: administrador da quinta de Estéfano, propriedade da família

Tamia: mulher de Dametas, criada da quinta

Peleio: marinheiro que certa vez encontrou Filémon na Ásia Menor

Sosíbio: antigo soldado no exército de Alexandre, torna-se uma testemunha activa da acusação

Fidípides: pseudónimo adoptado por um barqueiro duvidoso que também é conhecido por «Filandro» quando é necessário comparecer em tribunal

Simónides: oleiro na ágora, com ligações proveitosamente mal-afamadas

Cleofonte: vendedor de peixe no Pireu, testemunha relutante da acusação

PRÓLOGO



Ouvi-me, ó Clio, vós, musa, e apoiai-me no lavrar desta história. A palavra que falo é verdadeira.

Eu, Estéfano, filho de Niciarco, cidadão de Atenas, relato aqui as estranhas e desafortunadas aventuras que me aconteceram no ano da CXII Olimpíada. Saber-se-á como um homem da minha casa foi caluniado, como foi declarado inocente e como um homem mau foi levado à justiça por vontade dos deuses poderosos. Celebrarei ainda a sabedoria do meu conselheiro Aristóteles, a quem chamo, diante de todos os destructores, um dos melhores homens e um dos filósofos mais brilhantes de todos os tempos.



1

EU, ESTÉFANO



Foi no mês de Boedrómion, na languidez da terceira lua cheia após o solstício de Verão, que um acto terrível foi cometido, um acto que viria a ter consequências penosas e duradouras. Antes de acontecer, eu já tinha problemas que bastassem – não que alguém o pudesse afirmar sem que os deuses se rissem ao ouvir. Mas... era assim. Meu pai, Niciarco, falecera na última Primavera e eu, um jovem, via-me, ainda não tendo completado os vinte e três anos, chefe de uma família, com uma mãe e um irmão pequeno para cuidar, assim como uma casa cheia de servos e de escravos para dirigir. Minha mãe não tinha irmãos e o de meu pai morrera, portanto, eu era o chefe da família. Ainda mal recomposto da morte de um pai adorado, vi-me obrigado a escutar relatos de feitores sobre carneiros, manteiga e azeitonas. Em vez de estudos no Liceu e da conversa dos filósofos, tinha relatórios para ler no meio do tagarelar do mulhério no pátio. A casa parecia destinada a dar apoio a todo o tipo de penduras: velhas senhoras débeis embrulhadas em xailes e a comerem papas constantemente, enquanto as suas servas ro-

bustas se iam empanturrando de bolos e azeitonas. Minha mãe é uma alma bondosa e hospitaleira. Tal como Telémaco descobrira em Ítaca, não há que encorajar eternamente o consumo excessivo de azeitonas, vinho, bolos e papas por quem nada dá em troca. Por outro lado, não pretendia ser duro para com parentes a necessitarem verdadeiramente do meu auxílio. Nunca me mostrei avesso a que recebêssemos a viúva do irmão de meu pai, a pobre tia Eudóxia. Tratavam-na sempre por «pobre Eudóxia», não pela sua pobreza mas por andar sempre muito doente, além do grande desgosto que carregava. Era uma pessoa verdadeiramente enferma (não tinha o hábito de andar sempre a lamuriar-se como as mulheres fazem, queixando-se de que há algo que está mal nos seus interiores), e no entanto ninguém a convencia a vir morar connosco, insistindo em voltar para a casinha que possuía nos arrabaldes de Atenas. Lembrei-me de que talvez receasse, saindo de lá, que eu me assenhoreasse da propriedade para meu usufruto. Um receio infundado, pois as leis dos deuses e dos homens proibiam tal ignomínia, e eu sabia tão bem como ela que a propriedade pertencia a Filémon, seu único filho.

Isto leva-me ao que a mãe chamava o «grande desgosto da pobre Eudóxia». Minha mãe raramente tocava no nome do filho de Eudóxia, achando que ele atraía a desgraça sobre a família. Eu não era capaz de nutrir semelhante sentimento por ele; conhecera Filémon bem na juventude, fora quase como um irmão para mim e o meu afecto não podia desvanecer-se nem mesmo depois dos problemas em que ele se metera. Tinha dezanove anos quando se envolveu numa briga de taberna (não fora a sua primeira luta do género: Filémon preferira sempre o discurso físico ao intelectual). Um dos socos de

Filémon matara um homem, e o meu primo, sem se despedir sequer de nós, saltara para dentro do primeiro navio a sair do Pireu e fizera-se ao mundo. O caso foi levado a tribunal, porém os magistrados foram indulgentes; Filémon foi condenado ao exílio, não podendo voltar a Atenas sob pena de ser executado. A sua herança, no entanto, não foi confiscada. De modo que só nos restava esperar que, um dia, uma amnistia o deixasse retornar ao seu lar e à sua cidadania. Ignorávamos o seu paradeiro, mas tinham-nos chegado alguns boatos confusos de que rumara para sul com o navio e que, depois de deambular pelas ilhas da zona, se tornara soldado. Não parecia improvável e não havia dúvida de que, nos tempos que corriam, existia muita procura de soldados, já que Alexandre da Macedónia andara em incursões pela Ásia Menor. Filémon participaria em batalhas acirradas que eu sabia serem muito a seu gosto. Era um Aquiles, não um Heitor, e adorava lutar só pelo prazer em si; restava-me esperar que não fosse morto. No Verão que se seguira à morte do meu pai pensara muito nele, imaginando-o a deambular pelo mundo enquanto eu ficava ali em casa, atado de pés e mãos. Desejara muitas vezes ter Filémon em Atenas, quanto mais não fosse para ter com quem conversar, mas não era o caso. Não valia a pena dizer tais coisas perto das mulheres, pois a tia Eudóxia desataria logo a soluçar e a gemer: «Meu pobre menino! Nunca mais voltarei a vê-lo. Ai! Ai!» A seguir começaria a minha mãe a chorar, e depois as servas e a jovem escrava uniriam o melhor que pudessem, por uma questão de solidariedade, os seus prantos aos delas.

Estas não eram as únicas questões que exauriam o meu coração. Meu pai havia sido sempre gastador, de modo que tínhamos menos do que eu supunha. Fora combinado eu casar

com Cármiã, filha de Calímãco, um cidadão respeitável, mas desde a morte do meu pai que o cidadão respeitável recuara um pouco no que ficara estipulado. O homem queria que a nossa família oferecesse belos presentes a mim e a Cármiã na altura do casamento, e a meio do Verão dei-me conta de que teria de vender uma vinha para arranjar o dinheiro. Era a mais pequena e enfezada das vinhas; não me pareceu que pudesse dar-me ao luxo de abdicar de uma fatia maior da propriedade. Perto do começo do Boedrómion pensei ter feito a venda, mas o comprador, depois de reflectir, resolveu desistir, para grande vexame meu.

Eu tinha realmente vontade de casar, apesar de haver tanta mulher pela casa. A minha mãe mostrava-se incapaz de gerir adequadamente o pessoal da casa; enredava-se em grandes conversas e chorava facilmente. O meu irmão era demasiado novo para questões sérias. Além disso, habituara-me à ideia de vir a ter a filha de Calímãco como esposa. Ouvira dizer, e não fora só através do pai – o vendedor que não elogia os seus produtos é um tolo – que ela era sensível e trabalhadeira e, através da habitual calhandrice do mulherio, que era de bela aparência e geraria certamente filhos graciosos. Não que os jovens devam ser demasiado curiosos nestas matérias, mas ninguém deseja desposar uma corcunda rabugenta, e Afrodite nos livre de uma mulher estéril. Mulher e filhos: aí está o que estabelece um homem e cria uma cidadela à sua volta. O meu desejo de casar não se limitava ao anseio que pode ser facilmente satisfeito com uma noite de folguedos na companhia de uma das mulheres obsequiosas das casinhas.

Ao ler o que escrevi, vejo que me afastei do assunto, o que não é digno de um bom retórico ou de uma mente treinada

em matéria de leis. «As malhas da mãe da vaca não interessam; vão directos à vaca», como o juiz dissera ao camponês. Talvez esteja a adiar o momento que se aproxima, pois não tarda que tenha de recordar a experiência da primeira visão que tive do que era vil, aterrorador e ímpio. Pelo menos já podereis perceber por que razão não fui capaz de dormir na noite anterior ao memorável terceiro dia da segunda semana daquele mês. Ao ver que não conseguia adormecer de tanto pensar no casamento e na malfadada vinha, acabei por me levantar e, sem me dar ao trabalho de acordar um escravo, acendi um candeeiro e tentei ler. Mas tinha a cabeça e o coração tão embotados que me lembrei de dar um passeio. Já pouco faltava para a aurora nascer e a cidadela não tardaria a despertar.

2

ASSASSÍNIO EM ATENAS



Percorri as ruas silenciosas, deixando que o ritmo dos meus passos facilitasse o desenrolar dos pensamentos. O vento que começara a soprar pouco antes do despontar da aurora era enregelante, o que me fez dar graças pelo manto de lã que me cobria os braços nus e a túnica leve. As aves começaram a cantar e pareceu-me ouvir o grito das gaivotas. Pensei em Filémon a correr para dentro do navio e, ao passar em frente de um pequeno santuário a Posídon, rezei uma breve oração pelo meu primo e prometi um sacrifício. Não se sabia por onde andava: talvez no mar.

A brisa ficou ainda mais fresca; no ar pairava um perfume húmido a jardins; não era propriamente o cheiro a Verão, tão-pouco o do auge do Outono. De repente, o céu a leste foi-se acinzentando e a forma do monte Himeto ficou visível, o seu cume perfeitamente distinto. A aurora chegava, uma ténue tonalidade cor de açafão a espriar-se lentamente pelo céu. Podia ver a rua à minha frente e o pequeno santuário do fundador dos eupátridas no demo onde tantos cidadãos nobres e

abastados residiam. As paredes descoradas das casas que deitavam para as ruas já não pareciam esmorecidas mas exibiam, sim, o seu cinzento-claro. Eu continuava a pensar no nascer do Sol e a tentar recordar-me das frases mais apropriadas de Homero, quando me assustei com um grito agudo vindo da mansão mesmo em frente.

Antes de poder lá chegar, os gritos foram aumentando de volume e vi dois homens saírem da casa em frente e correrem para o local donde provinha o som.

Quando lá cheguei, o portão do pátio estava escancarado e os dois homens atravessavam-no a correr, em direcção à porta da casa. No pátio via-se um escravo, a saltar ora sobre um pé ora sobre o outro enquanto berrava: «Mataram o amo! Mataram o amo!», com o rosto distorcido num grande ómega, por onde o som transbordava. Passei por ele sem que nem mesmo o meu nome se desse ao cuidado de inquirir, continuando imbecilmente a desempenhar o que devia considerar o seu dever maior para com a casa naquele momento, ou seja, berrar desalmadamente. Fui atrás dos outros dois homens, um cidadão robusto e o seu escravo doméstico, até à porta interior, e apercebi-me de que outras pessoas nos seguiam. Não sabia porque achava que devia entrar; impelia-me uma curiosidade insana. Sócrates, como Platão registou algures, conta a história de um homem que sabia que atrás de um muro havia uma pilha de corpos decapitados de pessoas recentemente executadas. O homem esforçou-se por passar pelo muro sem ir espreitar o que estava por trás e ele sabia ser horrendo, porém não conseguiu resistir. Olhou e gritou de raiva: «Aí tendes! Regozijai-vos diante de tão deliciosa visão!» Não há dúvida de que há um certo deleite, não dos olhos mas da mente mais pri-

mária, na visão de horrores, e é o que deve ter acontecido no meu caso – embora, ao contrário do homem da história de Sócrates, eu não soubesse exactamente para onde ia nem com que iria deparar.

Depressa soube. Segui os outros dois pelo interior da casa e passei mais uma porta, que dava para um quarto. A minha primeira impressão foi tratar-se de um espaço razoavelmente amplo, mal iluminado, onde estavam cinco pessoas, além de mim próprio – três cidadãos atenienses e dois escravos. Não. Havia seis pessoas no quarto, cinco vivas e uma morta. Ali, no meio do chão, jazia o dono da casa, em mau estado para receber convidados. Tratava-se do respeitável cidadão Butades, do clã dos Eteobúttadas. Butades, ex-corego, trierarca, patrício abastado, encontrava-se, inerte, no meio do chão, o corpo retorcido abaixo da cintura, ao ponto de ambos os joelhos estarem voltados para o lado. O trierarca Butades estava completamente vestido, ou seja, envergava uma túnica de linho branco – melhor dizendo, uma túnica que já fora branca mas naquele momento manchada de sangue escarlate, qual tingimento perverso. Fixava o olhar vidrado no tecto e via-se-lhe uma flecha espetada na garganta.

Não sei por quanto tempo fiquei a olhar, em transe, para aquela visão. Senti-me ligeiramente enjoado, embora não inclinado a retirar-me. Devia ter ficado pregado no mesmo sítio, porém outros que entravam pela porta foram-me empurrando ao longo da parede. Aproximei-me com cuidado da janela. Tinha a noção de que havia uma mesa atrás de mim, com uma jarra em cima, mas apesar da ocasião tive, instintivamente, cautela. Ao longo da parede, perto da porta, aglome-

raram-se mais recém-chegados. Todos deixaram um amplo espaço aberto no meio da divisão.

Quando olhei para Butades pela primeira vez, pareceu-me fazê-lo no meio de um silêncio prolongado, mas tal não teria podido ser pois, mal comecei a mover-me, reparei que havia uma gritaria aguda e contínua de mulheres vinda de dentro da casa, e o berreiro do escravo no pátio ainda não cessara. Apercebi-me, igualmente, de que uma das primeiras pessoas a estar ali no quarto, um homem de ombros largos e cabelo escuro, de pé ao lado do corpo, falava em tom empolgado.

– Quem cometeu este crime? Quem matou o irmão de meu pai? Que a vingança dos deuses se abata sobre ele!

Tratava-se de Polignoto, evidentemente, sobrinho de Butades. Aquele homem, quatro anos mais velho que eu, tornara-se já uma figura pública em Atenas. Fora conhecido, na sua juventude, como um excelente ginasta e um ótimo estudante. Ao herdar a propriedade do pai, tornara-se rico por direito próprio e começara a constar que esperava um dia obter um cargo político. Distinguiu-se recentemente ao oferecer-se para ser corego da celebração da próxima festa em honra de Dioniso. O patrocinador de um destes elaborados eventos ganha fama para a vida toda, caso o espectáculo seja um sucesso e provará também que é um dos homens mais poderosos, já que participar na Grande Dionísia mede-se não em dracmas mas em talentos. Em rapaz eu admirara Polignoto pela sua energia nos jogos e pela sua fluência nos debates. Devia tê-lo reconhecido imediatamente, mas o quarto estava mergulhado na penumbra e Perséfone devia ter-me obscurecido a visão por um instante. E o vigoroso Polignoto, desalinhado na túnica vestida

tão à pressa que ficara com a parte de um dos ombros solta, qual veste de escravo, Polignoto, pálido à luz matutina e a tremer ligeiramente de dor e raiva, não exibia grandes semelhanças com o jovem bronzeado que povoara as minhas lembranças.

– Ó Zeus! – exclamou Polignoto, soltando um grito crescente de choque, ao ponto de as palavras mal lhe saírem da garganta crispada. – Vede este crime e vingai-me daqueles que me fizeram mal a mim, à minha casa e ao meu clã! Que a maldição se abata sobre o assassino!

– Sabes quem cometeu este crime? – perguntou Eutíclides, o cidadão corpulento da casa em frente.

Eu recordava-me de que pertencia a não sei que clã e era parente afastado de Butades. As bochechas flácidas tinham uma aparência doentia sob a luz pálida, mas a sua voz era firme.

– Como quereis que saiba? – exclamou Polignoto. – Um vilão! Alguém que labora nas trevas!

– Tem calma, Polignoto – aconselhou o velho Telemon. – Ainda haveremos de nos vingar.

Telemon, que se encontrava ao lado de Polignoto, devia ter sido um dos primeiros a chegar. O que era de toda a conveniência, visto ser um grande apreciador de novidades. Era sempre tratado por «velho Telemon,» apesar de ser mais ou menos da idade de Butades; porém, era um homem franzino, de cabelo às farripas e com uma aparência geral de senilidade. Também coxeava de uma perna; a criança chamava-lhe «velho coxo». Polignoto não prestou a menor atenção às suas palavras e continuou a murmurar imprecações entrecortadas e a arrepanhar os cabelos com uma mão.

– Sim, Polignoto, tem calma – corroborou Eutíclides. –

Não é altura para atitudes de mulher. As lágrimas chegarão a seu tempo. Agora tens é de nos contar o que aconteceu... ou seja, o que sabes... para podermos apresentar o caso ao basileu e fazer com que o arconte seja informado.

– Cá por mim – declarou Telemon veementemente –, fui o primeiro a chegar aqui, pouco depois do pobre Butades soltar o último suspiro. Soube tudo por Polignoto e vi...

– Eu preferia saber primeiro tudo do próprio Polignoto – interrompeu Eutíclides. – Rapaz! – gritou, dirigindo-se ao escravo. – Vai à cozinha e pede que preparem pão e vinho para... depois ser servido ao teu amo. Em breve ele terá de sair deste lugar horrendo e comer alguma coisa.

Pareceu-me que Eutíclides estivera a pontos de mandar vir vinho para todos nós, um gesto perfeitamente natural em circunstâncias normais e pensando com amizade num homem sofredor como Polignoto; porém, um olhar rápido para o chão fê-lo cair em si e alterar o discurso. Comer ou beber na presença de uma morte tão violenta teria sido profano.

Eutíclides tocou reconfortantemente no ombro de Polignoto com a mão. As suas palavras sobre o vinho e aquele gesto eram os primeiros actos humanos do dia-a-dia que ocorriam naquele antro de morte, mas Polignoto afastou o ombro com um safanão, qual cavalo assustado diante de um novo dono. Eutíclides, agastado, baixou o braço. O escravo afastou-se apressadamente, abrindo a porta que dava para a divisão seguinte, o que deixou entrar um clarão da luz recém-nascida a leste, assim como os gritos agudos das mulheres. Depois a porta fechou-se, deixando-nos um silêncio relativo e os raios lentos que chegavam de oeste.

– Senhores – disse Polignoto em tom mais tranquilo –,

ireis ouvir o que aconteceu, assim o permitam os meus pensamentos confusos e a minha fala trémula. Dir-vos-ei tudo o que sei, que não é muito. Esta manhã, bem cedo, precisamente quando o dia começava a clarear, um barulho acordou-me. Não fiquei perturbado, pois o meu tio trabalha muitas vezes... aliás, devo dizer, trabalhava... neste quarto até altas horas da noite ou da madrugada. Levantei-me e, ao agarrar na minha túnica, ouvi um som mais alto que o primeiro... um estrondo enorme. Saltei da cama, corri para a galeria e descí as escadas ainda a vestir-me apressadamente. Entrei neste quarto e... foi à luz fraca da candeia que ainda está a gotejar em cima daquela mesa além... que deparei com a cena que agora tendes diante dos vossos olhos. Butades estava caído exactamente como vedes.

«Por muito angustiado que estivesse com a sua morte e com a maneira violenta como ocorrera, percebi imediatamente o que deve ter acontecido. O meu pobre tio estava a trabalhar sentado naquela mesa voltada para a janela, e alguém, aproveitando-se da escuridão, aproximou-se dela e alvejou-o. Claro que o meu tio deu-se conta de algo estranho antes do tiro fatal... Talvez tenha ouvido um ruído lá fora, ou vislumbrado um rosto. Não restam dúvidas de que se levantou, e claro que o som que me despertou foi uma exclamação sua, combinada com o barulho do banco a ser empurrado. O assassino deve tê-lo atingido imediatamente, trespassando-lhe a garganta e deixando-o ali caído onde o vemos agora. O estrondo que ouvi foi o que ele fez a cair.

Olhámos de novo para Butades, que jazia pesadamente no meio do chão, com a mesa larga diante dos pés, entre o seu corpo e a janela. Cadáver, mesa e janela formavam uma linha

recta e a mesa não teria servido de obstáculo a um assaltante que tencionasse matá-lo estando ele ali sentado. O banco, empurrado para longe da mesa, ainda estava de pé. Sobre esta, uma lamparina tremeluzia nas suas derradeiras gotas de azeite, e toda a parafernália de buris e placas estava arrumada.

– Que fizeste então? – quis saber Eutíclides.

– Primeiro, claro, aproximei-me do meu tio para ver se ainda estava vivo, mas o seu espírito já devia ter partido ainda antes de eu abrir a porta.

– Foi uma pena ele não ter tido tempo de dizer o nome do assassino – observou um dos cidadãos ao meu lado.

– Ele pouco teria podido dizer numa morte como esta – disse Eutíclides abruptamente. – E depois, Polignoto?

– Estava eu a olhar para o corpo do meu pobre tio, mal acreditando no que via, quando me pareceu ouvir algo a mexer no lado de fora da janela. Corri até ela e ainda fui a tempo de ver um vulto escuro no pequeno quintal em frente, o pomar. Foi então que me pus aos berros para acordar o pessoal da casa e ainda o meu grito estava no ar quando Telemon entrou, acompanhado do guarda sinopeu do portão. Gritei que o meu tio fora assassinado e que o homicida estava lá fora. Saímos todos do quarto a correr e atravessámos o quintal em direcção ao pomar murado. Quando íamos a passar o portão, vimos o assassino saltar o muro. Mandei o escravo correr atrás dele e eu e Telemon voltámos para junto do meu tio... quero dizer, para o seu quarto. A casa estava em grande reboição, mas eu pus as mulheres fora do quarto e fiquei a chorar e a praguejar, sem saber o que fazer. Foi nessa altura que vós, Eutíclides, e os outros todos entraram e depararam com esta cena.

– Foi assim – confirmou Telemon, que apesar de se manter calado durante uma quantidade de tempo surpreendentemente grande, depressa retomou o tom empolgado. – Eu vinha fazer uma visita a Butades e o escravo deixara-me entrar e acompanhara-me pelo pátio dentro. Precisamente quando chegámos à porta da casa, ouvimos o berro de Polignoto, o que nos fez entrar precipitadamente. Vi então... o que todos vemos neste momento, e Polignoto à janela, a gritar: «Pára! Pára! Assassino! Butades foi assassinado!» Corri também para a janela... tendo o cuidado de evitar tocar em Butades, podeis crer. Olhei para o mesmo lado que Polignoto e vi uma figura escura a mover-se por entre as árvores.

– Devíeis ter corrido para o pomar para o apanhar, em vez de perder tempo aos gritos – comentou Eutíclides.

– Foi o que fiz – explicou Telemon. – Saímos todos lá para fora: eu, Polignoto e o escravo. Eu até fui o primeiro a chegar ao sítio, mas Polignoto ultrapassou-me ao pé do portão. Ele agora corre mais depressa do que eu... É o meu coxeio, como sabem. O nosso Polignoto ainda é jovem e treina o corpo, embora eu na minha juventude fosse...

– Sim, já percebi – cortou Eutíclides secamente.

Nenhum homem mais jovem se teria atrevido a cometer a indelicadeza de interromper Telemon, que, afinal de contas, pertencia a família nobre; porém, Eutíclides era seu contemporâneo. Penso que os outros achavam o mesmo que eu, ou seja, que o velho coxo não devia ter-se intrometido. Em vez disso, decerto se colocara à frente de Polignoto, numa tentativa infantil de chegar ao pomar primeiro. E depois que poderia Telemon, com a sua estrutura debilitada, ter feito com um assassino forte e desesperado mesmo que o tivesse alcançado?

De todos os presentes, Telemon parecia o menos afectado pelo horror da ocasião, mostrando-se praticamente inalterado.

– O certo – apressou-se Telemon a continuar – é que vi realmente o vilão... a pular o muro. Andou por cima dele, como às vezes os gatos ou os cães fazem, e depois saltou para o outro lado, onde o ouvimos correr.

– Que aspecto tinha? – perguntei.

– Bem... era difícil ver com aquela luz, senhores, e os meus olhos já não são o que eram. Um vulto escuro encapuzado... não muito alto, eu diria, mas também não baixo. Gordo também não, sem dúvida... mas também não gostaria de afirmar que era magro. Bem constituído. Ágil. Provavelmente de cabelo escuro.

– Que vestia ele?

– Um manto comprido, penso.

– Vestimenta complicada para trepar muros – comentei.

– Bem, se calhar o manto até era curto – corrigiu Telemon. – Talvez o homem levasse um pano de lã a esconder-lhe o rosto. Nu é que não ia.

Soltou um riso abafado e calou-se abruptamente.

– Pois então, muito bem – declarou Eutíclides. – Ouvimos já o bastante e devemos regressar ao presente.

Desviámos o olhar uns dos outros e voltámos a fixá-lo no chão. Estranhamente, ao escutarmos Polignoto e Telemon ficámos... não direi distraídos, mas de certo modo aliviados. Imaginar os acontecimentos anteriores afastara-nos por algum tempo do cadáver, do cadáver em todo o seu realismo, ao qual agora voltávamos.

Naquela altura já o dia clareara o suficiente para todos

os pormenores estarem visíveis – o sangue a secar rapidamente no chão, as roupas e o cabelo viscosos, o brilho dos olhos vítreos a fazer lembrar água congelada. A flecha atravessava a garganta de Butades de lado a lado, erecta, e lançava uma sombra sobre a porta ao fundo que a fazia parecer uma pena. A imagem do corpo amorfo com a sua única pena dava a impressão de que Butades estava a tentar transformar-se numa ave monstruosa.

Como deveis compreender, o que tornava tudo tão monstruoso era a flecha. Butades fora atingido por uma flecha de um arco... o que era inegável e inacreditável. Se tivesse sido morto por uma adaga, a quantidade de sangue seria a mesma e estaria igualmente morto, porém seria mais normal, mais compreensível. Qualquer ateniense possuía uma espada ou uma adaga... Agora um arco!

O arco não é arma que os Atenienses usem. Nas mãos de Ártemis ou Apolo é, como tudo o que lhes diz respeito, divino, intocável, talvez simbólico; às mãos de bárbaros é rude, grotesco, imundo e repulsivo. Os guardas citas andam de arco – na sua qualidade de escravos do Estado, com uma missão suja a cumprir – mas tirando essa excepção, não é arma que faça parte do mundo vulgar da vida comum. Em Atenas, encontrar o Minotauro seria quase tão difícil como um homem ser trespassado por uma flecha. Se pudéssemos ver passar diante dos olhos todos os crimes cometidos dentro dos muros nos passados duzentos anos, existiriam com fartura, sem dúvida, através de vários meios – mas dificilmente por disparo por meio de arco.

Não era, portanto, de admirar que Polignoto se mostrasse pálido e tremesse, que Eutíclides exibisse um tom acinzen-

tado no rosto e que eu sentisse o suor a escorrer-me pela parte de trás dos joelhos. Se o homem mais valente não deixaria de se comover diante de uma morte violenta, que dizer de uma morte estranha como aquela. À medida que eu ia olhando, a estranheza do acontecido tornava-se ainda mais impressionante do que a fealdade da morte sangrenta. Reparei, pela primeira vez, que a parede à minha frente, por trás de Polignoto e de Eutíclides, e de uma pequena mesa ornamental, tinha um fresco pintado. A cena era inocentemente sensual – mostrava um Apolo deveras langoroso a perseguir Dafne através de um bosque – mas ocorreu-me se não teria sido o próprio Apolo quem, aos primeiros raios de sol daquela manhã, disparara sobre Butades uma seta divina como a que se via em baixo sob a forma de um dardo terreno, para confundir os homens e lançar uma infâmia misteriosa sobre a cidadela. Estremeci então, pois, se aquela casa estava sob a maldição de um deus poderoso, fazer frente ao seu julgamento seria loucura, e comover-me demasiado, insensatez. Fixei a minha atenção na descrição feita por Polignoto e Telemon do homem avistado no pomar. Um assassino humano.

Eutíclides era mais forte que eu, que desperdiçava a minha alma em sonhos.

– Vem, Polignoto – disse ele. – Temos algumas obrigações a cumprir com o nosso parente antes de poder ser lavado e preparado. O assassino será castigado e o espírito ultrajado de Butades encontrará a paz. Primeiro, deixa-me fazer o que tem de ser feito.

Eutíclides ajoelhou-se ao lado do corpo e, com um gesto corajoso, arrancou a flecha da carne aderente onde estava enfiada quase até ao fundo do pescoço do morto. A cabeça,

cujo cabelo empapado em sangue coagulado quase parecia ter madeixas de horrendos fios embebidos em alcatrão, abanou. Reparei que Eutíclides vacilava um pouco ao infligir novos ferimentos na carne insensível, para a livrar da indignidade obscena. Polignoto, ao ver o amigo com o horrível objecto na mão, começou a tremer.

– Ai! Ai! – gemeu. – Esta casa está amaldiçoada!

– Vá, Polignoto – incentivou-o Eutíclides –, cerremos os olhos ao teu tio.

Polignoto ajoelhou-se, hirtto, ao lado do cadáver e fechou o olho direito de Butades, enquanto Eutíclides fazia o mesmo ao esquerdo. Eu ouvia Eutíclides ofegar pesadamente e Polignoto movia a mão e o braço com rigidez, como se fossem de madeira. Em seguida, foram chamados escravos para levar o corpo dali. Eu vira um deles no pátio; naquele momento já estava completamente recomposto e mantinha-se silencioso como um homem na quarta fase de embriaguez. Levantaram Butades, cujos pés nus traçaram marcas e rastos bizarros no sangue espalhado no chão, como se caminhassem sobre tinta. Vislumbrei nitidamente os pés de Butades; quando o ergueram, ficaram quase ao nível dos meus olhos. Calçava pantufas, como é hábito os idosos fazerem em casa a fim de proteger os pés dos pisos frios, e aquelas eram de cabedal muito macio, tingido de creme; porém, naquele momento tinha os pés todos ensanguentados e o cabedal estava descolorido, como que coberto de ferrugem brilhante, e as próprias solas ensopadas. «Uma pena tão belas pantufas terem ficado estragadas...» Como se Butades devesse ter ido ao encontro da morte trajando mais modestamente.

Os escravos foram andando com lentidão para a porta,

carregando o seu pesado fardo. Vi-os passar pela enorme ânfora de vinho junto à porta, do tipo ornamental, com um grande pescoço e um ventre bojudo, pintada com uma extravagante cena de orgia vinícola de Baco, e pensei: «Pobre Butades, para ti acabou-se o vinho.» Parecia patético abandonar tamanha riqueza só para estar morto.

Polignoto parecia aturdido. Eutíclides ainda mantinha grande compostura.

– Senhores – disse –, todos vistes e ouvistes o suficiente para serdes testemunhas se fordes chamados. Farei com que o arconte seja informado, assim como os chefes do clã, da fratria e do demo. Antes disso, no entanto, aguardarei o regresso do escravo que foi no encalço do assassino. Tenho a certeza, senhores, de que poderei contar com a vossa ajuda. Podeis retirar-vos desta casa de tristeza.

Olhámos pela última vez para o quarto que a aurora pintara de fresco. A luz do Sol iluminava-o já: as cores vivas da pintura por trás da pequena mesa trabalhada, a secretária com as suas placas e estiletos, a mesa com a jarra atrás de mim, a pomposa ânfora perto da ombreira da porta entalhada. O quarto ensolarado clamava: «Desfrutai das delícias do dia», ao mesmo tempo que a mancha escura no chão dizia: «A vida desaparece num ápice.»

Sáímos, silenciosamente, para o pátio mas, uma vez lá, tornámo-nos muito faladores. Precisávamos todos de descobrir água para nos livrarmos do contacto com a morte através do ritual adequado da lavagem. A maioria de nós ainda se encontrava em jejum. Apesar de tudo, não parecíamos dispostos a dispersar-nos.

– Posso mostrar-vos o jardim fechado – ofereceu-se

Telemon –, e o local exacto do muro por onde o assassino saltou.

Gerou-se um murmúrio de interesse e fomos quase todos atrás dele. O jardim fechado não tinha muito que ver; era apenas um jardim citadino, com algumas árvores de frutos e uma série de plantas envasadas. Uma parte fora murada, para as mulheres e os escravos aí tratarem da lavagem da roupa.

– Além – indicou Telemon. – Ora bem, eu estava ali e depois vim para aqui, com Polignoto mesmo atrás... e foi precisamente naquele sítio do muro que o vimos. Foi só por um instante. Agora – continuou, voltando as costas ao muro e ficando de frente para a casa –, ali é que o assassino deve ter estado, mesmo ao pé da janela.

Aproximámo-nos do sítio e examinámos o chão em frente da janela. Reparei que nenhum de nós sabia a que distância o assassino precisaria de ter ficado para disparar com eficácia. Olhei para a terra em volta, na tentativa de encontrar algum vestígio dos passos de um criminoso... Se fosse um deus ou demónio, não deixaria pegadas. Mas a terra seca e os aglomerados de erva tosca depressa foram espezinhados pelo nosso grupo, de modo que fiquei sem meios para me certificar de que o assassino era humano.

O que vi, ao perscrutar o solo, foi um pequeno objecto, acastanhado mas brilhante. Peguei nele. Era um bocado de chifre com um pedaço de madeira partida fixada na extremidade mais larga.

– É um corno de carneiro – esclareceu Telemon, sem grande interesse. – Como é que um carneiro veio largar o seu chifre aqui?

– Não lhe toqueis! – exclamou um dos cidadãos ansiosamente. – Pode ser algum objecto pagão pertencente a um dos escravos estrangeiros, um amuleto com poder para nos fazer mal.

Ouviram passos apressados no pátio e um jovem escravo, esguio e ruivo, com cerca de catorze anos, entrou no pequeno pomar. O jovem olhou em volta, nitidamente à espera de ver o seu novo amo entre nós. O seu peito arfava como um fole.

– Corri – contou a Telemon em voz enrouquecida. – Corri o mais que pude... durante um grande bocado... mas não consegui apanhá-lo.

A voz tremia-lhe e o suor escorria-lhe pelo rosto pálido, deixando rastros empoeirados. Até o cabelo da cor dos bárbaros estava encharcado de suor.

– Oh, que pena – exclamou Telemon. – Lá se foi a nossa esperança.

– Idiota desgraçado! – chamou-lhe um dos cidadãos.

– Eu tentei – insistiu o escravo, continuando a falar para Telemon. – Por favor, dizei ao meu... ao meu novo amo... que me esforcei ao máximo.

– Põe-te a andar, cão sarnento, e diz-lho tu mesmo – ordenou-lhe um outro cidadão. – O teu amo não está aqui. Vai imediatamente para casa e faz alguma coisa de útil.

– Olha – chamei eu, quando o escravo começava a retirar-se lentamente –, é melhor dares isto ao teu amo e dizes-lhe que o encontrámos debaixo da janela.

O rapaz recebeu o objecto na palma da mão sem mesmo olhar para ele e afastou-se em passo arrastado e lento, de ombros encurvados.

– Ali está um escravo aparentemente assustado – disse eu ao homem que examinara o objecto feito de chifre.

– Não admira – retorquiu. – O cão ainda terá sorte se se safar só com umas boas chicotadas. Deixar o assassino do amo escapar! Que gratidão!

– É verdade – concordou outro cidadão. – São todos uns preguiçosos. Duvido que tenha corrido sequer, mal ficou fora de vista.

– Sem dúvida. É preciso andar sempre a vigiá-los. E se lhes dermos a mão, querem logo o braço.

De todos os lados vieram as observações habituais sobre a questão.

– Pior que isso – acrescentou um deles. – Pode até ter participado na trama desde o princípio... Portanto, a perseguição estaria condenada ao fracasso logo à partida.

A concordância foi generalizada.

– Se calhar foi ele mesmo a disparar sobre o seu amo. Não passa de um sinopeu imundo! Reparai só na sua pronúncia. Bárbaro!

– Mas ele não poderia ter praticado o homicídio – objectei. – Estava de guarda ao portão principal quando Telemon chegou, precisamente na altura do crime.

– Isso dizeis vós – observou o homem que primeiro fizera a sugestão, lançando-me um olhar muito ofendido. – Mas se ele é assim tão bom corredor...

– Bem observado – respondeu outro cidadão. – Farei com que a fratria seja informada e espero ver o escravo presente na primeira audição.

Dito isto, o dignitário saiu do pomar e o resto das pessoas seguiu-o, a maioria aparentemente satisfeita com a

perspectiva de o escravo ser culpado. Eu continuei no mesmo sítio, deixando-os ir sem a minha companhia, pois sentia que não me tornara muito popular. Começava a recuperar os meus sentidos, incluindo o social. Voltei a olhar para o chão onde encontrara o pedaço de chifre pagão, curioso em saber se não haveria mais algum por ali. Não havia, mas algo brilhante atraiu o meu olhar; baixei-me e peguei num caco muito pequeno e fino de louça de barro. Era apenas um bocado de um pote de barro, nada de muito interessante. Não se viam fragmentos ou figuras no mesmo. Num dos lados, no entanto, havia algo riscado, um sinal minúsculo que se estendia até aos contornos irregulares da aresta quebrada, uma pequena cruz, possivelmente uma marca de oleiro. Saí do pomar e atravessei o pátio atrás dos outros, ainda com o fragmento na mão e a brincar com ele distraidamente, como os homens às vezes fazem com contas ou seixos. Estava uma manhã quente e soalheira. Senti-me cansado, como se já estivesse no final de um dia de trabalho.

3

CANTOS LÚGUBRES E ACUSAÇÕES



Assim que cheguei a casa, purifiquei-me com água. Não contei nada do sucedido à família. Não há que pôr mulheres e crianças ao corrente de tudo o que se passa. Além disso, não tinha muita vontade em reavivar aquela cena horrível na minha memória. Minha mãe, no estado de espírito em que naquele momento se encontrava, ficaria certamente perturbada e choraria. Fui à rua, como de costume. A ágora estava no seu auge. Depois do começo tenebroso e violento daquele dia, foi reconfortante encontrar a habitual multidão de vendedores nos pórticos, ver os artigos do costume – curtumes, peixe, figos – com a mesma abundância de sempre, e ouvir o oleiro na sua roda e o ferreiro enfarruscado a trabalhar os seus metais. Os sons eram uma benesse para os meus ouvidos, assim como os gritos: «Panelas, panelas para cozinhar, muito baratas!», «Mel, mel doce de Himeto!» Tudo isto à mistura com o burburinho de uma centena de conversas e várias discussões animadas. «Dois óbolos por um par de reles pantufas? Achas que tenho cara de parvo, filho de um porco?», indignava-se um escravo

rural enquanto, por perto, um cidadão abastado objectava calorosamente ao seu acompanhante: «Quinhentas dracmas por um barracão e aquele carreiro cheio de ervas daninhas. Sede razoável!» Numa ágora, o negócio e o prazer de viver parecem ter uma importância permanente. Num mercado, o que se procura não é sabedoria – e, no entanto, mesmo que ali não haja lugar para ela, o mesmo já não se pode dizer da actividade e da variedade, e também de uma certa ausência de cuidados.

Contudo, Butades não deixou de fazer sentir a presença da sua morte naquele lugar a transbordar de vida. Quando saí de junto dos pórticos e fui até ao espaço pavimentado da ágora em si, encontrei os cidadãos com as suas túnicas brancas a passear por ali e a conversar como de costume, mas, em vez da variedade de tópicos habitual, cada grupo com que me cruzei parecia falar sobre Butades. Numa cidade, as notícias espalham-se velozmente. Telemon estava em grande evidência, relatando repetidamente a sua história até ficar com a garganta seca, altura em que corria apressadamente até às bancas junto dos pórticos para a humedecer convenientemente com vinho.

Sentia-se uma tensão no ar, como quando uma corda de lira é demasiado esticada, e muitos homens olhavam para a acrópole, onde Atena exerce o seu reinado sobre a cidade-la. Podíamos ver nuvens de vapor escuro, o fumo de sacrifícios; porém, isso não atenuava o temor nos nossos corações. Sentíamos medo, medo de um assassino desconhecido que poderia andar pelas nossas ruas para voltar a matar. Um homicídio polui tudo – o assassino acima de tudo, depois a sua família, clã, fratria e, por fim, toda a cidade, até o crime ser vingado. Ao fazermos os nossos sacrifícios, orações e libações habituais, poderemos ficar impuros e as nossas preces serem um

escárnio. Até a própria Atena, a deusa límpida da sabedoria e dos mesteres, poderia abandonar toda a cidadela sentindo-se ofendida, até nos purificarmos.

Não, as conversas matutinas não tinham a mesma animação de sempre. Aproximei-me de um grupo que parecia estar a discutir arte dramática e deixei-me ficar à escuta, mas depressa o tema se voltou para o assunto inevitável.

– Gostaria de saber – disse um – se Polignoto ainda irá ser corego. Por ainda mal ter acabado de enterrar o pobre do tio.

– Ainda faltam sete meses para a dionisiada – respondeu outro. – Tempo suficiente... isto se o criminoso for apanhado e executado antes disso.

Não restavam dúvidas de que não iria parecer adequado Polignoto levar uma peça à cena com um crime por vingar na família.

– Com certeza ninguém mais estará ansioso pela honra... Pagar todo aquele dinheiro. Seria um espectáculo de caras mal-humoradas e bolsas magras, não seria?

– Além disso – observou um jovem imberbe de cabelos louros (presumível companheiro de folguedos de alguém) –, Polignoto já escolheu o poeta: Ceramias. A peça está quase terminada e ele esperava reunir brevemente um coro. Quem faz máscaras e adereços de teatro conta vir a ter muito que fazer. Todos pensam que Polignoto produzirá algo grandioso: cantos, danças e maquinaria de cena.

– Qual é o tema da peça? – perguntou um dos cidadãos de meia-idade.

– Já me constou – disse outro. – Na verdade, Polignoto contou a um que depois passou a outro que, por sua vez, me veio dizer, que será sobre educação.

– Ora – observou o outro. – Uma história moral. Espero que seja minimamente divertida. Eu gosto de comédias à moda antiga, com algumas boas piadas cruas, um penico, um vendedor de salsichas e um coro de tachos e panelas. Seja como for, não perguntei qual era o tema... O que eu queria saber é de que trata?

– Eu sei – retorquiu o jovem louro. – Conheço uma pessoa que é amiga de Ceramias. Fala de Quíron e de Hércules.

– Ora. Mau prenúncio. Lembrar a morte de Quíron.

A conversa esfriou e o grupo dispersou-se. Saí da ágora e voltei para junto dos pórticos, onde se viam grupos animados perto dos vendedores de vinho. Até mesmo ali, como vim a descobrir, a musa da poesia visava Butades. Ao caminhar lentamente pela sombra populosa, deparei com um vendedor de baladas, um dos mendigos maltrapilhos que reúnem algumas moedas cantando as novidades do dia em rimas mal construídas da pior poesia – mera versalhada, ao ritmo de camponesas que trazem couves para o mercado. O indivíduo em questão exercia o seu mester com uma voz rouca mas vigorosa:

«Ó vinde, povo de Atenas, e juntai-vos em meu redor.
Trago novas terríveis para contar, são de verdade, não duvideis.
O bom Butades de Atenas foi neste dia encontrado
Morto por uma flecha, no chão deitado.

Butades foi morto, mas não com espada ou faca.
O chão era todo sangue onde a flecha a vida lhe ceifou.
O malvado assassino viram que o muro saltou.

Que os deuses o amaldiçoem, aniquilem e mandem para o Estige!

Butades conheceu morte horrenda; estando no seu quarto,
Sem mal fazer a ninguém, para a sua tumba foi mandado.
Morreu homem respeitado, cinquenta anos depois de nado.
Este crime hediondo aconteceu pouco antes da aurora raiar.

Butades era um trierarca, pertencia a um demo de Atenas.
Foi sempre cumpridor do seu dever com todos, como bem se sabe.
Seu espírito não repousará, pois a Vingança clama pelo amigo duras penas!
Que o assassino seja apanhado, torturado e conheça fim pavoroso!»

Era um palavreado muito pobre mas, apesar de eu me sentir muitas vezes divertido com aqueles mercadores de maus versos, não fui capaz de achar graça àquele. Saí da ágora ainda não era meio-dia.

Dois dias depois fui, como todos os outros, ao velório de Butades. O pátio por onde me azafamara na manhã do assassinio era agora cena de formalidade; uma multidão de homens ilustres reunira-se ali para prestar a última homenagem ao falecido. Da casa vinha o coro de lamentos das mulheres, ora subindo, ora descendo de tom, assim como o som lamentoso de flautas. Havia um grande grupo de músicos presente, todos elegantemente vestidos. Polignoto, nas suas vestes matinais, exibia um ar carregado e melancólico; no entanto, mantinha

uma compostura triste. Rodeavam-no homens da família e membros da fratria, entre eles, Eutíclides. Polignoto não me prestou atenção, apesar de eu ter sido um dos primeiros a comparecer no local do crime e estar a seu lado quando fechara os olhos ao tio.

Butades não prestou atenção a nenhum de nós. Jazia dentro de um caixão finamente trabalhado, de pés voltados para o portão. Parecia muito melhor do que quando eu o vira da última vez. As mulheres haviam desempenhado a sua horrível tarefa de lavar o cadáver, e Butades, apesar de pálido, parecia tão impecável e satisfeito como se tivesse morrido na sua cama. A mortalha branca que o envolvia era imaculada – tão diferente da túnica que envergava quando nos recebera pela última vez – e as mulheres tinham fechado cuidadosamente os cordões do peito até à garganta, de modo a nenhum ferimento ficar visível. Aquela espécie de colarinho excepcionalmente subido empurrara-lhe o queixo para cima e dera-lhe um ar arrogante. Ali deitado, com o óbolo sobre os lábios, parecia quase presunçoso. As mulheres haviam-no coroado com as habituais folhas de vinha, um toque a festival dionisíaco a condizer estranhamente com o modo como morrera. Pobre Butades! Lembrei-me da enorme ânfora que nunca mais lhe aplacaria a sede. Ao inclinar-me sobre ele para lhe dar o último adeus, senti o cheiro a orégãos e a mel quente do bolo que tinha entre as mãos e que se derretia ao sol. Também me chegou o odor inconfundível da morte. Algumas moscas zumbiam perto dos dedos brancos pegajosos que nunca mais as espantariam.

As carpideiras contratadas iniciaram um belo canto fúnebre. Cantavam sentidamente, com certeza encorajadas pela prodigalidade das bebidas com que se tinham refrescado na

cozinha, assim como atractivos pagamentos. Ninguém poderia dizer que Polignoto se poupava a gastos na despedida de seu tio. Tudo estava extremamente correcto. O escravo imbecil que eu vira nesse dia, naquele momento aparentemente recomposto do juízo, estava decorosamente de serviço ao portão com a água destinada à purificação.

A cerimónia decorreu com tanta normalidade e correcção que, depois de apresentar as minhas despedidas, senti-me algo animado, como se a vida pudesse retomar o seu curso habitual. Tratava-se de uma suposição francamente insensata.

Não sei o que foi pior, se o dia do assassínio, se o do funeral. Embora não pudesse dar-me conta do facto na altura, o dia do velório de Butades (que teve lugar, evidentemente, na véspera do funeral) só representou para mim um intervalo entre dois golpes.

Foi um enterro de que me recordarei até ao fim dos meus dias. Como qualquer cidadão, levantei-me bem cedo para participar nele. A manhã – melhor dizendo, a noite – estava fria: embora as estrelas ainda brilhassem no firmamento, pairava um cheiro a chuva no ar, como se as nuvens estivessem a acumular-se sobre o mar.

O caixão contendo o corpo de Butades seguia numa carroça. Os amigos não deviam ter querido levar um cadáver tão maltratado aos ombros, um corpo cujo espírito irado andaria a pairar sobre as suas cabeças. No entanto, toda a família e a fratria tinham vindo, trazendo Polignoto à cabeça, de lança em punho. Todos sabiam que a traria; apesar disso, um tremor extra de excitação, quase de exaltação, percorreu a multidão ao

vê-lo com ela. Exibia um ar muito sério, como se fosse para a guerra.

A procissão percorreu as ruas de Atenas. Butades, no seu caixão, via-se bem, formando um centro iluminado pela luz das tochas empunhadas pelos escravos; a seguir vinha o grupo sombrio das mulheres da família, veladas de negro, no encalço do caixão para poderem recolher a alma de Butades caso esta deslizesse para trás do corpo. O silêncio escuro das ruas envoltas pela noite era trespassado pela luz das tochas e os gritos lamentosos. O grupo funerário, com todos nós atrás, atravessou Atenas, em direcção ao Ceramico. Aí chegado, deteve-se numa parte do cemitério já bem povoada pelos abastados e nobres. A luz tremeluziu sobre monumentos enormes, lápides altas gravadas e mármore entalhado, enquanto o corpo de Butades era depositado na cova aberta de fresco. Familiares e amigos atiraram os objectos habituais para dentro da sepultura: vasos e figuras em terracota, e até mesmo um anel de ouro brilhou no fulgor efémero das tochas ao cair no meio das oferendas fartas. O coveiro trabalhava diligentemente com a sua pá e ouvia-se o baque surdo da terra a cair. Não havia lua e as estrelas tinham ocultado os seus fulgores. A noite travava uma batalha com a aurora que despontava e parecia cada vez mais forte, em vez de se desvanecer. Quando a sepultura ficou cheia, começou a cair uma chuva fina.

Polignoto chegou-se à beira da cova. Os escravos ergueram as tochas bem alto, de modo a iluminarem-no apenas a ele. De lança em punho, parecendo agigantado e vacilante sob a luz lançada pelas tochas recortadas contra a escuridão, fazia lembrar um deus ou um herói em palco. A multidão foi atravessada por um arrepio de expectativa... e de frio, devido

à chuva que caía. Aquele era o momento que tornava aquele enterro diferente dos outros. Polignoto faria naquele momento uma declaração contra o assassino desconhecido, um desafio e uma ameaça ao homicida anónimo, ordenando-lhe (a ele ou a eles) que se mantivesse afastado de tudo o que era legal e sagrado. Aquela declaração, feita directamente ao criminoso desconhecido, quer este se encontrasse entre nós ou longe, era sagrada e feita à sombra do homem assassinado. Era o início da vingança diante dos deuses e dos homens, e o homicida sem rosto, onde quer que se encontrasse, seria agora tocado por um dedo invisível. Estávamos todos à espera de que o desafio de Polignoto fosse dirigido contra o assassino intangível e desconhecido. Polignoto, no entanto, surpreendeu-nos.

Ergueu a sua lança ao alto e começou a falar. A sua voz era límpida, profunda e bem modulada; fazia-se ouvir com toda a clareza.

– Diante da sepultura de meu tio, Butades, filho de Butades, dos Eteobúadas, e na presença da sua sombra, Butades assassinado, eu, Polignoto, declaro que tu, Filémon, filho de Lícias de Atenas, és o assassino que procuramos, e ordeno-te que te mantinhas ao largo de tudo o que é legal e sagrado, da água benta, do vinho e das libações, da ágora, das cortes, dos templos e de todos os lugares sagrados!

Quase caí contra o escravo que segurava na minha tocha. No princípio mal pude acreditar no que ouvia. Meu primo Filémon! Era impossível. Assim que consegui recompor-me, invadiu-me grande raiva e quase gritei, «Mentes!» Por pouco não me precipitei na direcção do próprio Polignoto. Queria arrancar-lhe a lança das mãos e obrigá-lo rudemente a desmentir a falsidade que acabara de proferir. No entanto, tive

juízo suficiente para me aperceber de que tal teria sido uma loucura; seria considerado inadequado e, até, ímpio. O grupo do funeral começou a afastar-se e a multidão a dispersar-se, mas eu continuei no mesmo sítio, enquanto os homens tentavam cobrir a cabeça com a ponta das túnicas perante a chuva insistente.

Ouvia exclamações excitadas à minha volta. Ninguém se aproximou de mim para me oferecer condolências ou, o que teria sido mais bem-vindo, para exprimir uma indignação solidária. Os que estavam por perto e sabiam quem eu era – o parente de um assassino acusado publicamente do crime mais hediondo alguma vez cometido em Atenas – afastaram-se apressadamente.

Mesmo assim não pude deixar de pensar que não passava tudo de um erro, da confusão de um pesadelo. Essa esperança ficou, no entanto, consideravelmente diminuída diante de um facto ominoso. Polignoto, Eutíclides e outros parentes seus passaram não longe de mim, e nessa altura Eutíclides, lançando um olhar significativo na minha direcção, respondeu a um cidadão que o interrogava:

– Vamos apresentar queixa formal no basileu e até ao final do dia de hoje podereis ouvir a acusação de Polignoto na ágora.

4

ARISTÓTELES EM CASA



Dirigi-me a custo para casa, ensopado e a tremer. Nada disse às mulheres sobre o sucedido. No decorrer do resto da manhã, tive tempo para reflectir sobre os acontecimentos passados naquele funeral alarmante e sentir-me um pouco mais reconfortado com a esperança de que o basileu rejeitasse aquela acusação absurda. Essa esperança morreu quase de imediato. O basileu apareceu na ágora com Polignoto e os seus parentes e a acusação contra Filémon foi pronunciada ainda não era meio-dia.

A partir dali todos ficavam a saber e a acusação legal significava que Filémon seria, com toda a certeza, julgado. Não valia a pena ocultar o acontecido às mulheres – as notícias correm rapidamente por portas e travessas, de tal modo que elas ficaram a saber da acusação pública na mesma altura que eu. Tive de encarar a tia Eudóxia. Veio ter comigo, trémula, coberta de lágrimas, e lançou-se aos meus pés a suplicar.

– Oh, Estéfano, tens de o salvar! Agora és o homem da família... Podes fazer alguma coisa para resolver a situação.

Levantei-a e sentei-a num banco, tentando não a magoar no lado onde a doença lhe provocava dor. Provavelmente não teria dado por isso, pois estava em grande sofrimento, tanto de corpo como de espírito.

– Sim, sim – reconfortei-a, afagando-lhe a mão. – Trata-se de um erro horrível que depressa será esclarecido. É um absurdo! Filémon está no exílio... há dois anos que não vem cá! Nem sequer se deve suspeitar de um homem que não se encontra aqui! Todos eles têm obrigação disso. Seja como for, nós sabemos que uma acusação dessas é uma insanidade. Ele não cometeria semelhante acto, como nós sabemos, e pode provar que lhe seria impossível fazê-lo. Mesmo que tenhamos de esperar até à primeira audiência, nessa altura o basileu rejeitará o caso. Nem sequer chegará a ir a tribunal.

Eu falava quase tanto de mim para mim como para ela, e as minhas palavras pareceram animar-nos aos dois. Eudóxia enxugou o rosto e recompôs-se para falar. Escutara ansiosamente as minhas palavras.

– Acusar um homem ausente é uma insensatez. Diz-lhes isso, Estéfano. Faz com que o basileu veja que é um disparate... suspeitar de um pobre exilado, tão longe. Oh, meu pobre menino, quando é que voltarei a ver-te? – Recomeçou a chorar. – Porque lhe macularam o nome com um crime tão horrível? – Baixou a voz e inclinou-se para mim. – Estou a par de tudo sobre o assassinio, sabes, e a tua mãe também, embora tenhas tentado escondê-lo de nós. Os escravos inteiraram-se de todas as notícias naquela mesma manhã. Não tocámos no assunto porque vimos que andavas mal-humorado. Soubemos que estiveste lá na casa e queríamos perguntar-te, mas achámos que não desejavas falar do assunto ao lado da sagrada

morada de Zeus. Mas agora preciso que me digas. Estiveste lá, não é verdade?

– Estive – admiti, reflectindo na habilidade imprevisível que as mulheres tinham para me ocultar as questões.

– Nessa altura foi feito algum comentário acerca de Filémon? Era por isso que andavas tão cabisbaixo? Estariam eles, já nessa altura, a dizer ou a sugerir que ele era o autor?

– Não, tia Eudóxia, asseguro-lhe pelos deuses que não. Eu estava tão preocupado como qualquer outro, excepto o facto de ter sido um dos que viu Butades. Não foi uma... uma visão nada bonita.

Hesitei; no entanto, minha tia olhava-me como se esperasse que eu continuasse. Conte-lhe então o que se passara naquela manhã e o que fora dito. Ela escutou atentamente, sem chorar. De facto, a sua reacção surpreendeu-me. Soltou um belo som de desprezo à maneira do campo, roncando como um ganso pelo nariz que, em seguida, assoou.

– Foi só isso? Se é assim, eles nada têm... Arranjaram um nome ao acaso. Tenho a certeza de que os parentes de Butades estão cheios de vergonha por lhes ter calhado uma morte tão feia na família e acham que, se ligarem rapidamente o crime a uma pessoa qualquer, a vingança estará feita e a cidade ficará apaziguada e esquecerá. Escolheram o nome do meu pobre Filémon por causa da acusação da morte do velho que recaiu sobre ele... mas isso aconteceu numa luta, Estéfano, nada que se parecesse com isto, nada.

As lágrimas voltaram-lhe aos olhos.

– Dependemos todos de ti, Estéfano... pobre rapaz, tão novo. Mas fá-los ver a razão. Será feita justiça, mesmo que aquela família importante fique contra nós. Acham que podem

fazer o que querem com o nome da nossa casa por termos tão poucos homens entre nós... e o meu Filémon mandado para longe. Mas tu és um homem, Estéfano, e dos bons... Os deuses escutar-te-ão e punirão os Eteobúttadas pela sua falsidade.

Levantou-se, limpou os olhos com um pano e deslocou o corpo volumoso e sofrido até à porta. Antes de sair, olhou de novo para mim e disse, quase triunfantemente:

– Além disso, são uns tolos, Estéfano... uns tolos! Não são? Como pode um homem ausente cometer um assassinio?

Eu parecia tê-la reconfortado. Já comigo não era tão fácil, embora eu continuasse a repetir a mim mesmo o que disséramos: «Como pode um homem ausente cometer um crime?» Eudóxia tinha razão quando referia haver tão poucos homens na família. Meu pai e meu tio tinham morrido, eu não possuía irmãos adultos, nenhum primo, excepto o pobre Filémon. Claro que havia a minha fratria, mas nenhum dos homens importantes nela eram muito chegados. Tudo dependia única e exclusivamente de mim... e eu não sabia o que fazer.

Depois de uma noite sem dormir, levantei-me e tentei passar pelo ritual de um dia vulgar. Fui até aos banhos, onde amigos me saudaram brevemente. Fui ao ginásio e todos estavam demasiado ocupados para praticar algum desporto comigo. Dei um pulo à ágora e os cidadãos pareceram subitamente ficar imersos em grandes conversas quando me aproximei. Ouvi exclamações vindas da multidão normal que enchia o mercado e até me apercebi de um ou dois gestos discretos que não era suposto eu ver, gestos feitos por camponeses e escravos para se protegerem de emanações malélicas de algum passante funesto. Voltei para casa e tentei ler, mas nenhum livro prendia a minha atenção. Sentia um enorme incómodo interior, algo

que fazia lembrar a irritação dolorosa provocada por um ferimento profundo na carne.

Chegada a tarde, não fui capaz de suportar a situação. Iria ter com o homem que eu mais admirava em Atenas, o único que, estranhamente, apesar de toda a sua grandiosidade, não deveria rechaçar-me com frio civismo. Eu precisava de aclarar a minha mente, de uma troca de palavras inteligente e de conselho. Iria falar com Aristóteles.

Aristóteles vivia então numa pequena casa perto do Liceu. A habitação não lhe pertencia. Aristóteles era um estrangeiro em Atenas, um *metoikos*. Recebera muitas honrarias num assomo de gratidão ateniense três anos antes, altura em que, graças à sua intervenção pessoal, salvara a cidade da ira do rei Filipe; ainda assim, muitos continuavam a considerá-lo um simples estrangeiro. A lei não lhe permitia adquirir terra própria; conseqüentemente, Platão não lhe pudera legar a velha Academia. Além disso, antes da morte deste, Aristóteles tivera de sair apressadamente de Atenas, pois o conflito com a Macedónia desencadeara uma hostilidade crescente contra o homem de Estagira cuja família era protegida por Filipe. Aristóteles estivera ausente durante treze anos. De facto, Platão nunca lhe teria podido deixar a Academia. Referi estes factos para contradizer os boatos que actualmente circulam dizendo que Platão e Aristóteles eram inimigos – uma infâmia vil sobre os nomes de dois grandes homens.

Em menino, tinham-me indicado quem era Platão, o homem de cabelos brancos, no entanto mal me lembro dele. Eu frequentara a Academia nos últimos dias do reinado obscuro de Espeusipo. Quando Aristóteles regressara a Atenas e criara a sua escola, eu inscrevi-me nela e, durante um breve pe-

ríodo, desfrutei do maior prazer intelectual que se possa imaginar. Transitar da Academia para ela foi como passar de um tempo enevoado para um dia cheio de luz. Guardei os meus apontamentos e, mesmo depois da minha retirada forçada do Liceu devido à morte de meu pai, sempre que desejava reavivar a minha mente voltava lá de vez em quando.

Sim, na verdade eu nutria grande admiração por Aristóteles... mas interessar-se-ia ele minimamente por mim? Eu nunca me destacara como estudante. Era provável que nem sequer se recordasse da minha pessoa. À medida em que eu me ia aproximando da casa, a minha temeridade fazia crescer as minhas incertezas.

O escravo da casa recebeu-me com cortesia e foi anunciar imediatamente a minha presença. À volta trouxe-me a informação de que o patrão estava a jantar, mas que não tardaria a receber-me. Conduziu-me até à sala da frente, onde fiquei à espera.

Vozes na sala ao lado, audíveis numa casa pequena como aquela, sugeriam que Aristóteles jantava com a esposa. Alguns achariam estranho que Aristóteles, durante tanto tempo recluso na Academia, a afastar-se das conversas para ler sozinho, e deliciando-se, aparentemente, apenas com o mundo dos livros e do discurso filosófico, tivesse regressado, depois de todos aqueles anos de ausência e misteriosas embaixadas no estrangeiro, um homem casado. Casado não com uma mulher daquelas que consideraríamos mais indicada para um filósofo. Ele desposara, quando ainda se encontrava no estrangeiro, Pítia, filha de Hérmiás de Atárnea, portanto uma mulher nascida em terras longínquas. Algumas más-línguas diziam que Pítia fora concubina de Hérmiás, não sua filha, mas eu ja-

mais acreditarei nisso. O falatório habitual do mulherio dava-a como muito bela, bastante morena, usando o cabelo à moda de outros países e sendo uma dona de casa impecável e muito metida consigo mesma. Dera apenas uma filha ao marido.

Enquanto eu aguardava na alegre sala, com a sua extraordinária quantidade de livros (Aristóteles possuía livros seus, e não apenas dois ou três, que guardava em sua casa) comecei a sentir-me novamente desanimado. O escravo fora adequadamente correcto; se calhar tomara-me por um dos jovens senhores do Liceu que ali ia empreender determinada discussão inacabada no dia de trabalho – algum dos alunos mais prometedores de Aristóteles a quem ele, naturalmente, receberia em sua casa. Recordava-me de que o próprio Aristóteles fora um dia reconhecido por Platão como o seu melhor estudante. Constava que Platão chamava a Aristóteles «a mente» e recusava-se a começar uma aula sem o mesmo estar presente, dizendo: «A “mente” ainda não está entre nós.» Como estudantes, achávamos graça ao facto e às vezes tratávamo-lo assim (nas costas). Não era um epíteto que alguém utilizasse em relação a mim, a não ser com a maior das troças. E ali estava eu, em vez de um jovem senhor culto vindo para falar de temas nobres, um visitante não convidado, já nem sequer aluno, um jovem num estado desgraçadamente emocional e não filosófico, esperançado em depor o seu sórdido problema pessoal aos pés do mestre.

A porta abriu-se e Aristóteles entrou. O sorriso com que me saudou não sugeria nenhuma censura arrogante que eu me convencera a esperar. Sentei-me a convite seu, enquanto ele acomodava a sua estrutura ossuda, não sem antes ajeitar um almofadão nas costas.

– Espero, senhor – disse eu, hesitantemente –, que os deuses permitam que o venha encontrar de boa saúde.

– Estou muito bem – respondeu ele animadamente.

– Excepto a ciática. Uma queixa ática. Mas tu, Estéfano... – Fixou os olhos azuis, profundamente implantados, no meu rosto com perspicácia. – Tu aparentas não ter dormido. Estás cheio de queixas áticas. Penso que sei o que te traz aqui.

– Ah – exclamei com tristeza –, nem eu mesmo sei, excepto que preciso de falar com alguém esclarecido que me ajude a organizar os meus próprios pensamentos. Mas não se trata de nenhuma questão filosófica. Talvez vós mesmo não queirais conversar comigo...

– Sei muito bem o que aconteceu – disse Aristóteles calmamente. – Não vivo assim tão enfiado nos bosques e nas salas de aulas que não esteja a par do que se passa em Atenas. Tive conhecimento de que Butades foi assassinado e acusaram o teu primo. Obviamente, actuarás como seu defensor. Portanto nada mais natural do que vires ter comigo, o teu velho professor de Retórica e de outros ramos da Filosofia. Extremamente sensato. E eu... – Riu-se. – Não sou assim tão respeitado em Atenas que me importe de ser visto a falar contigo, se é o que te preocupa.

Sacudiu a cabeça; a sua vasta calvície brilhou sob a luz que também lhe arrancava cintilações à escassa orla de cabelo arruivado que lhe restava. Lembrava antes o que imagináramos ser um «espírito do fogo» e, sem dúvida, não muito respeitável. Pensei para comigo: «Este é, provavelmente, o melhor amigo que eu tenho em toda a Atenas.»

– Compreendo – afirmou num tom mais profundo.

– Compreendo o desgosto que isto te causa. Mas, se pensas

que o teu problema não é para um filósofo, enganas-te. Medo, dor e raiva... tudo isso é natural nos animais, nos homens, e até mesmo, segundo nos dizem, nos deuses. Mas o animal humano manifesta-se através do trabalho da mente: Esse é o remédio mais eficaz contra o mal de que os mortais padecem. Agora deixa a tua mente entrar no jogo. Mas, antes, tomemos algum vinho, para apacar um pouco o teu coração. Falaremos enquanto bebemos.

«Agora – prosseguiu Aristóteles, depois de trazerem o vinho e fazermos uma libação –, fala e conta-me, por ordem, tudo o que sabes. Expõe a questão como se estivesses a apresentar um problema de geometria.

Contei-lhe o sucedido tal como fizera com Eudóxia, embora de maneira mais clara. Disse-lhe que estivera em casa de Butades e vira o cadáver, relatei-lhe os comentários de Telemon e de Polignoto (o melhor que consegui lembrar-me), a minha ida ao pátio e o pedacinho de chifre achado. Aristóteles escutou atentamente e insistiu em que eu descrevesse o objecto.

– Ah – exclamou –, sei do que se trata. É a ponta de um arco de Creta... São um pouco rústicos, mas razoavelmente eficazes, diz-se. Filémon esteve em Creta?

– Esteve – respondi com tristeza –, quando saí de Atenas pela primeira vez, rumou a Creta a bordo de um navio de cereais. É do conhecimento de todos.

– De facto – concordou Aristóteles. – Esse será um ponto de que a acusação se servirá, evidentemente. Não estejas com um ar tão desanimado, Estéfano. Temos de ter todos os factos em conta e mal vai o retórico que se apresenta em tribunal para defender um caso sem se precaver contra os seus oponentes. Devemos conhecer todos os factos o melhor possí-

vel. Contar com surpresas é má política. O que for, é. Vejamos, Estéfano, eu não te trairei nem contarei a mais ninguém o que acabaste de me dizer, mas devo pedir-te... ou, se não quiseres responder-me, fá-lo a ti mesmo: Filémon voltou aqui? Esteve em Atenas? Desculpa, mas agora só a verdade pode ajudar-nos.

– Não – respondi com indignação –, eu sei que ele não voltou... Nunca, nos dois últimos anos. Se cá tivesse estado, eu teria sabido... ou, se não eu, pelo menos a tia Eudóxia. Tê-la-ia ido visitar... É sua mãe, ainda por cima doente. Tenho a certeza de que não foi ele.

Relatei a Aristóteles a minha conversa com a tia Eudóxia.

– E ela pensa – concluí – que a família de Butades só quer vingar-se o mais depressa possível e que escolheram Filémon por este fazer parte de uma família pequena, não ser rico e já ter uma acusação de homicídio a manchar-lhe o nome.

– É uma mulher sábia – retorquiu Aristóteles. – Sinto um grande respeito pela tua tia Eudóxia.

– E acima de tudo – prossegui –, a tia Eudóxia e eu conhecemos Filémon. Nós sabemos que ele não cometeria semelhante vilania, nem para ser governante de Atenas ou para se salvar da morte.

Aristóteles abanou a cabeça.

– De pouca utilidade num tribunal de lei... excepto, talvez, nos tribunais do Hades, mas aí, segundo se crê, a verdade não precisa de provas e a retórica esgota-se. Não fiz a pergunta para te desencorajar – continuou –, mas neste momento estamos a raciocinar como retóricos e juristas. No que diz respeito ao teu pobre primo, resta-te este consolo: Filémon é um exilado e está ausente de Atenas, portanto, seja qual for o resultado

do julgamento, não podem submetê-lo à pena capital. A sua vida está salva... desde que se mantenha afastado de Atenas. Como tencionas comunicar com ele?

– Não posso contactar com ele. Quem me dera poder fazê-lo. Se ao menos soubesse onde se encontra! Talvez esta difamação lhe chegue aos ouvidos, onde quer que esteja... embora odeie imaginá-lo a receber notícias tão amargas estando só e tão longe.

Aristóteles tomou um gole de vinho e olhou para o fogo na lareira.

– Bem – disse animadamente –, vamos considerar a seguinte hipótese: Filémon não cometeu o homicídio. Esta é a base da nossa defesa. A argumentação decorrerá de acordo com as linhas sugeridas pela tua boa tia. Ele não estava lá, portanto não podia tê-lo feito.

«Mas há um corolário para a nossa primeira hipótese que leva a um argumento mais interessante. Afinal de contas, a prova de Eudóxia é apenas um suporte da tua hipótese, não a demonstração da mesma. É, em si, absoluta, mas, se esse suporte caísse por terra, a tua hipótese poderia continuar a ser verdadeira. Se a tomarmos como tal, o corolário pode ser demonstrado. Se Filémon não o fez, alguém da classe dos «não-Filémon» fê-lo. Alguém matou realmente Butades. Encarado objectivamente, esse é o ponto mais interessante. Descobre quem matou Butades e demonstra a culpabilidade dessa pessoa, que o teu teorema fica provado. Tens a possibilidade de, antes do julgamento, investigares quem de facto matou Butades, assim como arranjares testemunhas que confirmem a ausência de Filémon.

– Eu? – exclamei, engasgando-me com o vinho. – Isso

é tarefa para Hércules. Encontrar um assassino fugidio que se move como o vento da noite? Quem quer que o tenha feito deve ter-se perdido no mundo e somente ele e os deuses saberão do acto que cometeu. Que hipóteses tenho de o descobrir nestas poucas semanas?

– Eu não disse que podia ser feito de certeza – argumentou Aristóteles. – Mas sim que talvez pudesse ser feito. E tu dispões de algum tempo, Estéfano. Portanto... olha. – Ergueu quatro dedos. – A primeira *prodikasia* – disse, tocando no dedo mindinho. – Daqui a algumas semanas reunirás com o basileu e aqueles que apresentarão o processo para a primeira audição. Realmente é pouco tempo: o fim deste mês. Mas depois... – Tocou no dedo seguinte. – Decorrerá um mês até à segunda *prodikasia*. Outro mês... – Passou ao dedo médio... – até à terceira *prodikasia*. E depois mais um mês até ao julgamento em si. – Abanou o indicador na minha direcção. – Ao todo são quase quatro meses, Estéfano. Nesta altura o Sol ainda brilha e o dia está quente. O julgamento só terá lugar depois de meados do Inverno. Muito se pode fazer e aprender em quatro meses, até mesmo em três.

– Que devo tentar saber? Que devo fazer? – perguntei.

Sentia-me um idiota, assim como o tipo de estudante que está sempre a perguntar: «Que devo ler? Em que devo pensar? Como é que começo? Como é que continuo?»

Aristóteles limitou-se a sorrir-me encorajadoramente e serviu-me mais vinho.

– Primeiro, há que não divagar para longe da questão. Devemos voltar ao facto principal: o homicídio em si. A história que me contaste daquela manhã é extremamente interessante, Estéfano... e também está bem contada. O facto de não

saberemos o que aconteceu realmente, mas ainda assim mais do que se lá não tivesses estado, joga a favor da nossa defesa. Devo no entanto dizer-te que o facto de lá teres estado também tem uma nítida desvantagem. Se Polignoto e o seu clã quiserem, poderão asseverar que estavas mancomunado com Filémon e não te aceitarão como defensor. Não creio que o façam – acrescentou. – Alguém tem de conduzir a defesa e iria trazer-lhes grandes vantagens, na óptica deles, levarem a melhor sobre um parente do acusado, um verdadeiro defensor. Seja como for, penso que pouco terão a argumentar contra os acontecimentos ocorridos naquela manhã a partir da altura em que lá chegaste. Sabes que o nome de Filémon não foi mencionado nessa altura, e presumivelmente podem chamar testemunhas para esse aspecto.

Aristóteles reflectiu um momento, depois sacudiu a cabeça como que ligeiramente aborrecido. A luz fazia com que o seu cabelo claro e a barba raiada de branco parecessem emitir centelhas.

– Mas que pena – lastimou-se. – Como eu próprio teria gostado de lá ter estado no quarto.

– Duvidais de mim? – perguntei, muito magoado.

– Não, claro que não. Mas as pessoas reparam em pormenores diferentes e demasiada conversa confunde os olhos. Nunca te esqueças de que não estiveste presente nos acontecimentos que te relataram. Alguns dos que estiveram no quarto contigo andarão agora a dizer disparates como: «Eu estava lá quando Butades foi assassinado.» Uma maneira incorrecta e comum de falar. Ninguém lá esteve na altura, excepto o assassino. Nenhum de vós, excepto Polignoto, se encontrava lá quando descobriram o corpo. Mesmo homens mais pondera-

dos dirão: «Foi como se lá tivesse estado.» Todavia só sabem o que se recordam de ouvir outros contar. O que foi que viste realmente? Descreve o quarto e o que lá havia dentro.

Assim fiz.

– Como estava Butades deitado quando o viste? Onde lhe acertou a flecha?

Também lho disse, apontando para um ponto na minha própria garganta, não sem um ligeiro estremecimento.

– Ah, a grande veia da garganta, a jugular – exclamou Aristóteles, animado. – Tiro certo, sem dúvida. E grande quantidade de sangue, dizes? Pobre Butades, as suas contas por terminar ali em cima da mesa, cobertas de sangue...

– Não – protestei. – Tenho a certeza absoluta de que não havia nenhum sangue em cima da mesa, mas sim no chão, e bastante. Chegou mesmo a ensopar-lhe as pantufas. E o cabelo também.

– Que memória excelente! És observador. E eu a presumir descuidadamente que havia sangue na mesa. Tomarei nota disso.

Assim fez, escrevendo numa placa de cera com o seu buril. Reparou no meu olhar indagador.

– Não assentarei nada que possa transmitir informações a outros – assegurou-me. – Tomo nota de tudo. Se calhar é um hábito nervoso, mas sempre é melhor do que roer as unhas. E faz uma pessoa parecer ponderada. É agradável que nos considerem como tal; isso faz-nos exercer poder sobre os outros a troco de nada. Mas prossegue o teu interessante relato. As pantufas de Butades estavam muito manchadas?

– Completamente, sobretudo os calcanhares.

– «Não chegou à margem do Estige seco» – proferiu

Aristóteles, citando uma elegia. – Muito perspicaz. Diz-me, o corpo ainda sangrava quando o viste? Ou o sangue já tinha coagulado e ficado cor de ferrugem?

– Quando entrei ainda sangrava – respondi, recordando. – Vi-lhe uma gota a escorrer lentamente pela garganta. Mas, quando saímos, o sangue já parara e a maior parte começara a secar, sobretudo o da poça no chão.

Toda aquela conversa punha-me o estômago às voltas, mas Aristóteles parecia interessadíssimo, como se falássemos das proporções de um triângulo e não do corpo de um homem. Lembrei-me de que o pai de Aristóteles era médico e de que o próprio filósofo, descendente de Asclépio, também entendia muito de medicina. Imagino que os médicos tenham sempre esta atitude fria perante o corpo e o que lhe diz respeito... uma atitude de que muitos outros não partilham.

– Gostaria de ter visto o cadáver – observou Aristóteles com pena. – Sim, a morte de Butades é muito interessante. Porque morreu ele? Os homens ferem outros sobretudo por quatro razões: oportunidade, compulsão, hábito e desejo. Por acaso é que não deve ter sido... a não ser que o assassino tentasse matar outro que não Butades e cometesse um erro. Possível mas improvável. Hábito... certamente não. Um hábito de matar cidadãos com uma flecha ao amanhecer tornar-se-ia uma excentricidade demasiado conspícua. Compulsão... sim: o assassino poderia ter sido compelido pelo verdadeiro maquinador do crime. O que nos leva à quarta razão, pois porventura quem planeou o assassínio, quer tenha sido a sua mão a perpetrá-lo ou não, desejava que Butades morresse.

– Pode ter sido um louco – interpus.

– Sem dúvida. Um anseio irracional pela morte do

homem é uma possibilidade. Os motivos irracionais costumam a desvendar, embora muitas vezes tendam a parecer aparentemente racionais. O homem irracional, digamos, ao agir em parte de moto próprio, vê na sua vítima um inimigo do Estado, o assassino do pai ou uma pessoa que conspira contra si próprio. O homem louco normalmente denuncia-se pelas insanidades que profere. Tanto quanto sabemos, a acusação pode alegar que Filémon matou Butades num acesso de loucura.

– Nesse caso – disse eu –, só nos restaria apresentar exemplos que mostrem a sua insanidade. Mas isso não se aplica porque só temos de provar que Filémon não esteve presente.

– A prova da tia Eudóxia. Isso mesmo. – Aristóteles franziu o sobrolho. – Provar uma negativa, provar sempre uma negativa! Filémon não se encontrava lá, Filémon não estava louco, Filémon não tinha nenhum motivo racional... É sempre difícil provar negativas. Voltemos a Butades e ao motivo da sua morte. É muito provável que o desejo da sua morte tenha sido racional. Existem, por assim dizer, três tipos de desejo racional envolvidos num caso como este: desejo de vingança, de autodefesa e de compensação. Ira. Medo. Cobiça. Três paixões poderosas. Butades é interessante na qualidade daquele cadáver sangrento. Teria tido o mesmo interesse em vida? Deve ter tido, pois, segundo parece, alguém provavelmente o odiava o suficiente para o matar. Acho que podemos dizer que preferir os bens de um homem à sua vida enquadra-se no ódio. Butades sobressaiu. Tu e eu começámos a nossa conversa esta noite como se Filémon fosse o herói da nossa história... mas, se estiveres certo, ele não é, de maneira alguma, a personagem fulcral. É muito mais aconselhável tratarmos Butades como a nossa figura central. Como tal, merece atenção. Lembras-te

dos exercícios de retórica da escola sobre as qualidades, actos e o carácter de uma figura literária? Neste momento, imagino, poderias fazer um discurso repleto de observações argutas sobre o sábio Ulisses ou o brutal e lascivo Egisto. E, no entanto, Butades representa agora mais para ti do que eles... E o que podes dizer da sua personalidade? Ou dos seus actos e qualidades?

Dei comigo a responder:

– «Butades era um trierarca, pertencia a um demo de Atenas.

Foi sempre cumpridor do seu dever com todos, como bem se sabe.»

– De que falas?

Deveras estupidamente, repeti a Aristóteles toda a balada inane que ouvira. Memorizara-a, contrariado. Aristóteles mostrou-se muito divertido.

– Excelente. Sucinta e imprecisa... como a poesia e a história normalmente são. Viram um assassino saltar o muro? «Morreu um homem respeitado.» Mas será que todos o respeitavam? Cumpriu o seu dever para com todos nós? Que fez ele? Ou não fez? Talvez agora nos debrucemos sobre o pressuposto de que algo na sua vida o tenha conduzido à morte.

– Não sei como indagar sobre ele – observei. – Certamente não me seria lícito interrogar o pessoal de sua casa.

– Claro. Mas o pessoal de uma casa é um crivo, não um pote rolhado. A vida de um homem vem a público, um grão aqui, um grão ali. Alguém tão importante como Butades não vive sem deixar rasto. O melhor que tens a fazer é ficares de olhos e ouvidos abertos, veres o que podes saber sobre ele: o homem verdadeiro, não uma personagem de balada.

– Mas eu quero começar por algum ponto definido – protestei.

– Escolhe um aspecto da sua vida e começa por aí.

– Como o facto de ter sido um trierarca?

– Muito bem.

– Isso pode ser possível – reflecti –, e não há dúvida de que, a acreditar no que ouvi, tem havido muita confusão no seio da trierarquia, até...

– Excelente, Estéfano, estás a pensar por ti próprio. Ias a acrescentar, antes de o teu habitual tacto intervir, «Até o teu grande inimigo Demóstenes resolver tudo com disposições admiravelmente justas no que se refere aos embarques.» Eu não negaria a capacidade de Demóstenes e aplaudiria a justiça das suas reformas. Mas isso foi durante a guerra. Agora, Demóstenes não tem poder, a cidade está calma, os homens dispõem de boas possibilidades para prosperar. Velhas irregularidades puderam infiltrar-se. É difícil desencorajar os oligarcas: têm hábitos fortemente arraigados. Talvez haja algo digno de descobrir no relacionamento de Butades com a trierarquia. A investigação alargará os horizontes da tua mente.

– Tentarei descobrir o que puder – murmurei.

Senti que, finalmente, detinha os contornos de uma tarefa definida. Butades – trierarquia. Era como possuir um tema para a primeira dissertação na escola.

– Mas, Estéfano, acima de tudo sê discreto. Os excessos irritam... tal como as moscas. A família de Butades não querará ouvir o som de zumbidos. Conduz os teus assuntos do dia-a-dia com serenidade. E comporta-te com modéstia e descrição na primeira *prodikasia*, como fica bem a um jovem. Isso predisporá o basileu favoravelmente em relação a ti e não

dará motivos de preocupação aos teus oponentes. Um comportamento desse tipo representa um gesto retórico eficaz. Que tencionas dizer na primeira audição?

– A defesa da tia Eudóxia. Ele não esteve lá.

– Exacto. Nada mau para começar. A tua segunda tarefa... a primeira em importância, se quiseres... é procurares testemunhas que possam atestar a ausência de Filémon.

Suspirou.

– Provar negativas... Um percurso entediante na lógica. O faro no rasto do positivo é muito mais animado e excitante, apesar de o mesmo poder levar mais tempo a encontrar. Em qualquer dos casos, sê-lo-á, receio bem. Se chegares à primeira *prodikasia* sem testemunhas a favor de Filémon, não esmoreças. Afinal de contas, é uma mera formalidade. Modéstia no comportamento: Filémon não estava lá. Para já, deve bastar. Inicia, ao mesmo tempo, a tua indagação secreta sobre a vida de Butades. Conta-me tudo o que descobrires, mesmo coisas sem importância e aparentemente não relacionadas com o assassínio.

– Então, posso cá voltar?

– Sempre que quiseres – respondeu-me Aristóteles animadamente. – Fico à espera de mais apontamentos.

Olhei de relance para a sua placa de cera. Nela viam-se poucas palavras, dispostas do seguinte modo:

Creta
mesa
pantufas ensanguentadas
Ira Medo Avareza

– Não é muito – observei, desiludido.

– Dei palestras inteiras com base em menos apontamentos escritos que estes. O fio de Ariadne. Um retórico, vendo bem, é um verdadeiro filho do pai de Atenas. Ele move-se por um labirinto, guiando-nos até ficarmos frente a frente com a verdade.

Levantámo-nos e atirámos o resto do vinho para as chamas. Os poucos segundos de oração foram muito tranquilizadores.

– Gostaria – acrescentou Aristóteles, interrompendo os meus pensamentos silenciosos – de ter dado o mesmo passeio que tu naquela manhã. Teria adorado ver aquele quarto. Mas se calhar ainda bem que isso não aconteceu. Eu próprio poderia ter sido acusado de cumplicidade no crime! Que oportunidade para se verem livres do amigo da Macedónia!

Apressei-me a contradizer ideia tão despropositada.

– De modo algum – afirmei. – Ora essa, a família de Butades apoia fervorosamente a Macedónia. Falam sempre bem de Alexandre.

– Bem dito, Estéfano. Conheces melhor a vida pública do que eu suponha. Se calhar até sabes mais do que imaginas. Esta noite fiquei com muito boa impressão sobre ti. És leal e lúcido. Não deixes que uma qualidade interfira na outra. Agora adeus e vê se dormes um pouco.

Os elogios e o interesse do mestre deram-me alento. Nessa noite dormi e, pela manhã, sentia-me melhor, como já não me acontecia há vários dias, apesar de, ao reflectir sobre a nossa conversa, me ter apercebido de que na verdade pouco adiantáramos. Aristóteles não iria dar-me nenhuma ajuda directa: não se oferecera para me prestar assistência no de-

curso das minhas investigações. Mas ao menos eu ficara com as ideias mais claras e alguma noção do que iria fazer para já. Aristóteles transmitira-me a impressão reconfortante de que o meu julgamento não era algo de deitar fora. Senti-me, no entanto, incomodado com a sua insistência no quarto e no desejo de lá ter estado. Que teria ele visto e eu não? Nada, quase de certeza.

5

DITOS E MEXERICOS



Nos dias que se seguiram, acostumei-me a olhares frios e humilhantes, e movimenteimei-me por Atenas aparentemente sereno e controlado. A minha serenidade forçada teve como efeito suavizar a hostilidade dos outros em relação a mim; a frieza tornou-se um pouco menos gélida, a hostilidade um pouco menos evidente. Eu sentia-me, no íntimo, constantemente ansioso. A serenidade começou a pesar-me no rosto, qual máscara de actor. Na realidade nada estava a fazer pela causa de Filémon, excepto, até ali, permanecer publicamente aceitável, o que facilitaria a minha posição como seu defensor. O tempo estava a passar.

Foi então que, uma semana após o meu encontro com Aristóteles, algo aconteceu. Nada de especial, mas algo. Colhi a minha primeira informação. Deambulava eu pelo mercado, depois de me obrigar a aparecer, mais uma vez, na ágora, quando me detive em frente da barraca de um artesão de curtumes. Estava eu a sentir o odor forte do couro e a pensar, indolentemente, em comprar umas sandálias novas, quando

me chegou o som de vozes a tagarelar. Um pano atirado sobre uma corda separava parte do interior da barraca e, por trás dessa divisória, algumas mulheres conversavam – escravas ou camponesas que iriam aparecer em público. Imaginei que estivessem à espera de que o rapaz dos curtumes lhes fosse cortar umas sandálias. As mulheres falavam com o sotaque da cidade, não do campo, e ocorreu-me que, se andavam à procura de sandálias para usar, deviam pertencer a boas famílias. Era o tipo de dedução lógica que uma pessoa faz todos os dias sem se lançar em silogismos, e tanto fazia que assim fosse como não.

Ia a afastar-me quando ouvi um nome que me deixou pregado no mesmo sítio. Uma mulher, baixando a voz, perguntou a outra:

– Como é que vos sentis agora lá em casa de Butades?

– Oh, Zeus! – retorquiu a outra enfaticamente. – Não sabemos a quantas andamos, por assim dizer. O jovem amo mantém todos na ordem, até nem é mau... Mas quem gosta de viver numa casa manchada de sangue? Oxalá nunca me mandem limpar aquele quarto, Atena me livre! Depois ficamos muito assustados só de pensar no julgamento. Uns dizem que todos os escravos irão ser chamados para testemunhar, outros que será só aquele pobre rapaz... e isso para um escravo significa tortura. É a lei. Atena seja louvada, o que me vale é que estava no campo na altura, e não me podem levar para o interrogatório. Mas aquele pobre rapaz... está cada vez mais magro a cada dia que passa.

– A lei é uma malvadez – observou a amiga, cheia de pena e indignação.

Houve uma curta pausa e uma terceira voz feminina, mais seca e mais velha, perguntou:

– E quanto à mulher de Butades? Tem suportado bem o desgosto?

– Pode-se dizer que sim. – A escrava do pessoal de Butades parecia feliz em se alargar sobre o assunto. – Oh, mostra grande paciência na sua aflição. Ora, três dias depois do funeral, pediu-me discretamente que lhe arranjasse um belo e succulento leitão assado... O amo nunca lho deixava comer. Empanturrou-se de leitão assado com mel, escorrendo gordura por todo o lado – uma bela imagem de dama enlutada. – Mas eu nada comentei e na verdade não a censurei. Ele mantinha-nos a todos com rédea curta. Porque haveria ela de se lamentar por ele? Maltratava-a até mais não, chamava-lhe cabra estéril e batia-lhe. Passava bem pior que os escravos. Nunca recebia um par de sandálias novas, ou um vestido para estrear... Ultimamente ele andava pior do que sei lá o quê. E como não lhe deu um herdeiro, isso acabou com ela aos olhos dele.

– Ah, pois – disse a segunda mulher. – Muitos homens são assim, especialmente quando têm tanto para deixar como Butades, nem que fosse uma menina para herdar. Apesar de tudo, nem o teu velho amo nem a sua senhora eram principiantes... Entretanto devem ter-se habituado à situação.

– Ora, não dirias isso se ouvisses o que eu ouvi. É certo que de novos nada tinham... Ele com aquela pança e más tripas, ela sempre cheia de cólicas (pagou caro pelo leitão com que se empanturrou), mas discutiam como se estivessem no começo. Os últimos meses foram os piores de todos. Ela tinha ganas suficientes para lhe responder, tenho de reconhecer. No Verão houve uma grande cena entre eles. Ouvi-a dizer-lhe, toda finória: «Ah, tu» (aqui a escrava imitou uma voz esganiçada de dama), «a fazeres figura de tolo com a tua idade! Queres

desgraçar-te a ti e a toda a tua família? Que bela altura para pensar num filho! Ainda por cima não sendo teu. Melhor ainda, em vez de desbaratares todos os teus bens, gasta umas moedas com uma meretriz, que terá muito gosto em receber o teu dinheiro em troca do que não podes fazer!» Bem, eu desatei a rir só de ouvir o amo tão escarnecido, mas ele respondeu-lhe: «Farei o que muito bem entender!» E atirou-lhe palavrões que nem me atrevo a repetir. Depois deu-lhe dois bofetões que a devem ter deixado bem marcada e eu parei de rir. Uma mulher paga caro por não ter tento na língua. Ele dentro de portas era sempre intratável. Mas, enfim, como o provérbio dos escravos diz: «Os modos de um amo não são exemplo.»

– Pobre mulher – comentou a amiga. – Ela agora ficará bem. Dizem que a viuvez faz muito bem.

– Eu cá acho que é uma desgraça – discordou a terceira personagem. – Uma esposa deve comportar-se com decência. Pelo que contas, ela parece uma mulher que não presta.

– Não – negou a escrava de Butades sensatamente –, eu não diria tal, e olha que tenho de a servir. É quase sempre fácil de contentar e pode ser bastante generosa. Mas agora anda desvairada, vira-se para um lado e para o outro, ora chora, ora ri, ou em grande tristeza ou toda alegre. É uma alegria estranhamente rígida, como se ela fosse feita de roupa de linho nova. Sabem que se pôs a rir quando lhe disseram que o marido estava morto e como morreria? A rir! Os escravos tiveram de se pôr a chorar e a lamuriar-se para cobrir o som. A mim parece-me é que ela não está muito boa da cabeça. Chegou mesmo a discutir com Polignoto... e ele que é de tão bom feitio. Estava perturbado com a morte do tio, mas fez os possíveis por lhe falar delicadamente, como sempre. E que lindo funeral

ele arranjou, dadas as circunstâncias... Faria bem ao coração de qualquer mulher.

– Ela discutiu com ele sobre quê?

– Não percebi muito bem. Algo relacionado com o facto de ele não ter o direito de fazer o que lhe apetecesse com a mobília: começou por aí. Disparate, claro... e isto foi só no dia a seguir ao funeral, e ele tinha-lhe dado roupas novas e tudo. Mas ela estava a gritar com ele e eu ouvi-a dizer: «Porque não dás alguma coisa à criança e mostras preocupação pelos desejos do teu tio? Zeus é o pai dos órfãos. Ninguém nesta casa pode dar-se ao luxo de ir contra os desejos dos deuses, ou não é? E eu sei do menino, lembra-te disso.» Continuou a falar, repetindo-se sobre Zeus e certo menino.

A amiga riu-se com ar sabedor.

– Talvez Polignoto tenha tido algum amor por aí.

– Bem, talvez. Mas eu acho que deve tratar-se de algum filho bastardo de Polignoto de que ela ouviu falar. Se Butades alguma vez tivesse tido um filho, tê-lo-ia adoptado imediatamente, disso podem ter a certeza... Mas ele já perdera há muito a capacidade de gerar uma criança numa mulher. Seja como for, Polignoto ficou aborrecido e mandou-a calar. Mas vejam como ela é estranhamente louca: discutir com o sobrinho que lhe dá o sustento.

– Mas que bela situação, realmente – comentou a escrava mais velha. – A vida em Atenas já não é o que era, nem mesmo nas famílias antigas. Ainda bem que agora vivo quase sempre no campo. A comida também é mais barata. Repararam no preço que eles pedem pela couve no mercado?

A conversa derivou para as questões relacionadas com a alimentação e o mercado. Todas as mulheres têm apenas cinco

temas: comida, roupas, sexo, filhos e escândalos. Senti-me, no entanto, grato por aqueles mexericos. Afastei-me lentamente, esperando não ter demorado demasiado tempo junto do barracão de curtumes, e reflecti sobre o que fora dito. Aristóteles tinha razão: o pessoal da casa de um homem é um crivo.

Ali estava uma visão do íntimo de Butades, o cidadão exemplar, que era dado, ao que parecia, a discussões sórdidas e a um comportamento violento, cuja impotência era do conhecimento doméstico e uma vergonha familiar. Pensei nas palavras da mulher: «Queres desgraçar-te? Que bela altura para pensares num filho.» Andara ele a tentar fazer um filho nalguma mulher da vizinhança? Aí estaria um motivo para vingança, sem dúvida. O comportamento da mulher de Butades parecia não só repulsivo como estranho... embora eu, solteiro, tivesse de admitir que pouco sabia do que haveria a esperar na vida de casado. Aquela mulher rira da morte do marido e servira-se secretamente de petiscos de carne assada. Seria uma mulher capaz de usar arco e flecha? Vislumbrei, por momentos na minha mente, a mulher de véu preto que vira no funeral, a inclinar o arco com a flecha no seu lugar para trás e a dispará-la na garganta de Butades. A vingança podia ser doce e houvera mulheres capazes de actos horríveis... Bastava recordar Medeia. Era algo em que precisava de reflectir.

A conversa escutada teve o seu efeito na minha vida privada. Tornei-me mais cuidadoso com a conduta perante os escravos. Nenhum diria de mim: «Os modos do amo não servem de exemplo.»

Tirando isso, a conversa ouvida não teria utilidade imediata para mim; ganhei, no entanto, novo alento. Butades deixara de parecer invencivelmente respeitado e poderoso, e

o facto, não se sabe por que meio estranho, permitira pensar friamente no seu assassinio e nos seus familiares ultrajados. Tornou-se menos difícil manter a minha aparência tranquila e fiquei mais interessado em ouvir os outros. Dois dias mais tarde, quando, na ágora, ouvi gritar «Notícias!», juntei-me ao grupo que se aglomerara à volta do portador de novas, quase sem reçar olhares hostis. Na verdade, ninguém me prestou a menor atenção; todos estavam demasiado interessados nos avanços e recuos da guerra.

O cidadão que tão enfaticamente anunciara novas era Clióforo, um homem jovial, de olhos azul-claros inseridos entre duas bolsas e com queixo duplo. Tinha fama tanto de rico como de hospitaleiro, com amplos interesses no comércio. Acabara de irromper pela ágora adentro e o prazer de ter algo para comunicar fazia-lhe brilhar o semblante.

– Já sabem? – (É o tipo de indivíduo que pergunta: «Adivinha o que é o jantar?» antes de nos dar de comer, e «Já sabes?» antes de nos informar.) – Notícias... Notícias de Tire! O meu barco acabou de chegar de Rodes, e o comandante trouxe consigo um homem de lá que combateu na batalha. O cerco terminou... o mês passado. Alexandre saiu mais uma vez vitorioso!

– Ah, notável – comentou o grave cidadão Teosóforo com toda a segura. – Ao que parece, Alexandre está destinado a ser vitorioso. O destino abençoado pelas estrelas do comandante agora já não chega a ser novidade. Quem entrou para os anais este Verão?

Havia outros ouvintes mais interessados na informação e que gostavam de ficar impressionados.

– O que aconteceu? Como correu a batalha?

– Que mestre o jovem macedónio é! – respondeu Clióforo, entusiasmando-se com o tema e nitidamente disposto a engrandecê-lo, utilizando o seu próprio tipo de retórica. – Um mestre em barcos e homens, tanto no mar como em terra. Amarra os seus barcos à muralha da cidade: os governantes de Tire mandam mergulhadores cortar os cabos. Volta a ancorá-los: cabos de novo cortados. Mas, então, que faz Alexandre? Ora, senhores, utiliza correntes para prender os barcos, não cabos. Os mergulhadores lá vão... Qual não é o espanto? Não conseguem cortá-los! Portanto, os barcos ficam onde estão, mesmo encostados à muralha da cidade, com as suas máquinas a trabalhar. Pumba! Pimba!

Clióforo gesticulou com os punhos, sentindo que a ocasião lhe exigia que imitasse a acção de aríetes e de catapultas.

– Os barcos estão em frente do buraco aberto na muralha. Pranchas de desembarque atiradas para baixo, apoiadas em pedras partidas, algumas do tamanho de lascas... tudo o que resta daquela parte da muralha. As tropas entram às centenas. Admeto vai à frente, acenando-lhes valentemente: «Em frente, homens!» Aí, Admeto é atingido... Atiram-lhe uma lança: zás! – (Aqui, Clióforo bateu no peito com força.) – A segunda vaga de atacantes é conduzida pelo próprio Alexandre. Os homens de Tire abandonam as muralhas e refugiam-se dentro do santuário... mas caem que nem tordos sob o ataque. Zás-trás! Uiiii! Aiiii!

Clióforo brandia lanças e espadas imaginárias, imitando ora os gritos dos atacantes, ora os gemidos dos moribundos. Parecia a guerra em pessoa.

– Ninguém sabe quantos homens eles perderam – continuou, limpando o suor da testa. – Alguns dizem cinco mil,

outros, dez mil... mas, em toda a refrega, Alexandre só viu morrer quatrocentos homens do seu exército. Alexandre ofereceu sacrifícios a Hércules no santuário de Tire.

– Isso quer dizer que ele agora é o rei de Tire – disse Teosóforo. – Tivessem eles consentido que ele fizesse sacrifícios naquele santuário no começo, ter-se-iam poupado a um cerco de sete meses e aumentado as suas hipóteses de morrer livres e na cama.

– Será melhor rendermo-nos? Ou lutar e morrer para alcançar a liberdade? – perguntou o jovem Mícon, um dos meus primeiros colegas.

– Eles tinham o seu deus contra – explicou Arquimeno, cidadão nobre e conhecido apoiante da Macedónia.

Arquimeno, com os seus cabelos grisalhos, possuía uma aparência distinta. Era senhor de uma frente ampla e de um nariz fino – o tipo de homem que faz boa impressão nas embaixadas de visita. Tinha a testa pouco vincada, excepto duas rugas verticais profundas por cima do nariz, provavelmente criadas pelo hábito de franzir ligeiramente o sobrolho antes de falar.

– E há que recordar – acrescentou Arquimeno – que Alexandre deu às cidades de Eólia e Jónia uma verdadeira democracia e restabeleceu as suas próprias leis. Não seria de toda a justiça combater contra a tirania da Pérsia que, caso contrário, poderia ameaçar arruinar-nos a todos nós, como nos velhos tempos? Atenas enviou a grinalda dourada a Alexandre: isso representou o reconhecimento não só das suas vitórias como também das suas virtudes.

– Que os deuses nos guardem de confiar nas coroas de ouro de Atenas – declarou Teosóforo. – Não tenho a memória

tão curta que não me lembre de Demóstenes a receber essa honra de um povo grato... e agora ele irá ser julgado por isso. A grinalda de ouro é de pouca protecção. Um homem sensato preferiria antes um chapéu para se guardar da chuva.

– Bem – disse Clióforo, achando nitidamente que já estava afastado da conversa há tempo suficiente. – Tire foi conquistada e milhares marcham agora para o Egipto. Estai atentos a Alexandre! Em breve andaré a pular em cima das velhas pirâmides. As cidades costeiras começaram a render-se, embora corram rumores de que Gaza pretende aguentar-se e lutar. Alexandre em breve também deverá vir a precisar de mais navios. Talvez a nossa armada seja chamada a entrar em acção.

– O meu pai acha que sim – disse Mícon. – Acha que Alexandre não pode deixar a frota que mandou de volta há anos eternamente parada. Agora que Atenas demonstrou a sua lealdade, não faria sentido deixar os barcos inactivos. O meu pai diz que a armada ateniense será chamada na Primavera.

– Eu também pensei nisso – observou Clióforo –, e os marinheiros dos barcos de batalha estão convencidos de que no ano que vem entrarão em acção. Mas temos entre nós alguém que percebe mais de questões navais. Qual é a vossa opinião, Arquimeno?

– Não é possível saber ao certo – declarou Arquimeno em tom preciso. – Alexandre tem um conselho. Claro que há muita especulação. Poderei, aqui entre nós, ir ao ponto de dizer que foram discutidas certas possibilidades. Sugeriu-se que fôssemos encarregues de construir navios do novo tipo, com bancos para cinco homens, como já têm em Siracusa, na Sicília. Alexandre talvez não chame a frota para já, porque pretende remodelá-la.

Clióforo anuiu sabiamente.

– O Pireu seria sem dúvida um local esplêndido para construir uma nova frota. Adoraria ver uma dessas novas embarcações. Em que tempos conturbados vivemos, realmente, tempos de mudança.

– Não devemos tirar conclusões – aconselhou Arquimeno. – Por um lado, pode ser que sim, por outro, não.

– Mas, a ser verdade – disse Teosóforo –, como seria! A trierarquia teria uma ótima oportunidade para mostrar aquilo de que seria capaz. Madeira nova... e o que porventura é necessário para essas andanças em água salgada... Tudo fornecido imediatamente pela nossa organização patriótica. Como fica bem a Atenas que aqui haja não só o dever como também o privilégio de um homem nobre e rico poder tomar a seu cargo a manutenção de um navio de guerra. «Um trierarca está para um navio como uma ama está para um bebê», como diz o ditado. Também vivemos tempos agitados, como o meu amigo Clióforo diz. Mas é possível que ainda passe algum tempo antes de Alexandre requisitar uma frota a Atenas. Poderá munir-se de grande cautela em relação a nós.

– Porquê? – quis saber Mícon.

– Como o tempo voa! Agora mal nos lembramos de que, ainda não há muitos anos, houve uma certa confusão relativamente a Alexandre, nesta cidade. E recentemente surgiu aquela questão trivial sobre o rei Ágis de Esparta, que tentou angariar navios e dinheiro entre nós para combater os Macedónios. Alexandre, como é um homem ponderado, pode recear o perigo de uma frota de Atenas ser um pouco a favor de Ágis.

– Esparta! – exclamou o jovem. – A velha inimiga!

Eles estão do lado dos Persas, portanto fizemos muito bem em apoiar a Macedónia. Os nossos velhos inimigos aliados contra nós! De que maior indício precisaremos? Ágis não é nosso amigo. Foi a Creta com Agesilau, tomou as cidades e obrigou-os a prestar vassalagem aos Persas. Mas nós não somos bandidos de Creta nem combateremos em navios deles.

– Já vistes algum dos navios novos? – perguntei a Arquimeno, mais para ter alguma coisa a dizer.

A menção a Creta fizera sentir-me embaraçado, de modo que estava tolamente ansioso por mudar o assunto da conversa. Alguns dos outros olharam para mim como se tivessem acabado de dar pela minha presença e não ligassem ao facto. Arquimeno, porém, respondeu delicadamente, dizendo que só soubera do navio de guerra com bancos de cinco remadores através de alguém que já vira uma dessas embarcações enormes. Penso que o próprio Arquimeno não se sentia muito satisfeito com o rumo político que a conversa tomara. O grupo começou a dispersar, mas eu fiquei junto de Arquimeno. As observações de Clióforo trouxeram-me à lembrança o facto de ele ser trierarca. Esta parecia ser a oportunidade de que precisava para iniciar a minha investigação sobre o relacionamento de Butades com a trierarquia. Arquimeno, quando o bombardei de perguntas, querendo inteirar-me da importância de Tire e da sua influência no comércio, respondeu-me com deferência. Com o que esperava parecer um entusiasmo juvenil, declarei que eu próprio teria adorado participar na batalha. Menti descaradamente ao fazer semelhante afirmação, pois só pensava em Filémon. Tanto quanto sabia, ele podia perfeitamente ter combatido no cerco. (Teria sido ferido? Morto? Não conseguia deixar de visualizar corpos mutilados a tombar das

muralhas.) Empilhei mentira sobre mentira; disse que, caso a nossa frota fosse chamada, pensava ir como voluntário nela, pois reparei que aquele tipo de discurso ardente não desagradava ao homem. Manifestei admiração pelo espírito empreendedor dos trierarcas, louvei uma nobreza esclarecida que fizera a grandiosidade de Atenas e então – depois de nadar por entre a espuma das ondas até ao assunto que me interessava como o cãozinho que vai buscar um pau – disse que imaginava que ele lamentasse a perda de Butades como trierarca.

– É verdade – respondeu ele. – Extremamente chocante. E Butades era um homem muito estimado, muito estimado.

Aquilo não pareceu, do meu ponto de vista, muito encorajador. Tentei de novo.

– Ouvi dizer – observei com ar vago – que houve não sei que problema entre a trierarquia, algo que teve a ver com Butades... que ele não tinha entregue a quantia toda que lhe competia, ou algo do género.

Arquimeno lançou-me um olhar severo.

– Não deveis dar ouvidos a meros boatos. O falecido Butades, paz à sua sombra, era um homem conhecido pela sua vivacidade. Nenhum trierarca mereceria menos o que lhe aconteceu. Pagou sempre o que devia, deu o que podia e sempre se preocupou com o bem-estar da cidade.

Aquele discurso preciso contrastava, decididamente, com a linguagem das escravas: pareciam referir-se a homens diferentes. Arquimeno falava como se estivesse a gravar um monumento em honra do falecido. Ao discursar, a sua testa franziu-se várias vezes, acentuando as rugas verticais. A minha impertinência parecia ter despertado o seu desagrado. Senti-me impertinente... e em perigo. Não podia falar de

Butades à vontade, e qualquer pessoa me olharia com aversão ao ouvir-me proferir palavras de descrédito sobre a suposta vítima de meu primo. Acrescentei de imediato que a benevolência de Butades para com a cidade era sobejamente conhecida, que os pobres sentiriam a falta de um generoso distribuidor de alimentos, e fiquei-me por aí. Retirei-me graciosamente, depois de elogiar a benevolência do próprio Arquimeno. Deixei-o, contudo, ainda a franzir espasmodicamente o sobrolho, como se o seu rosto tivesse pequenas correntes agitadas a percorrê-lo sob a pele.

Senti-me esmorecer de novo. Nada conseguira, excepto a possibilidade de parecer hostil a Butades, o que não era nada bom. Ficara apenas a saber aquilo com que já contava: que Butades era uma figura pública conscienciosa e fora um pilar da trierarquia. Aristóteles parecia ter-se enganado. Não deveria haver nada mais de interessante para descobrir relativamente à vida e às obras de Butades. A ideia de descobrir algo de desabonador no seu relacionamento com a trierarquia não passara de um desejo que o mestre confundira com a realidade.

De facto, tinha razões para me sentir angustiado. A primeira *prodikasia* estava prestes a chegar e eu nada tinha para oferecer além da chamada «defesa da tia Eudóxia».

6

DO PRITANEU AO PIREU



O dia da primeira *prodikasia* chegou. Dirigi-me ao pritaneu envergando a minha melhor túnica. Subi as ruas estreitas no lado norte da acrópole, atravessei as multidões de cidadãos mais pobres e de escravos que andavam nos seus afazeres. Sentia olhares a trespassar-me. Quando cheguei ao pritaneu, aquele espaço oficial gélido, senti-me extremamente isolado. Normalmente os parentes do sexo masculino vêm em grupo apoiar o seu orador principal e acrescentar depoimentos seus. (O meu irmão mais novo não podia dar-me apoio: não se leva uma criança de sete anos a tais eventos.) Polignoto estava presente com um grupo enorme de amigos e familiares, faustosamente vestidos e de ar próspero. Eu encontrava-me sozinho.

O basileu mostrou-se formalmente delicado com todos nós. Após as libações preliminares, colocou o grupo do acusador à sua direita, eu fui para a sua esquerda, e começámos. Declarou formalmente os pormenores pontuais do caso, a fim de determinar quais os factos conformes a ambos os grupos.

Foram apresentados os aspectos principais relativos à morte de Butades. Polignoto e os parentes prestaram as suas declarações, às quais assenti, mantendo-me de ouvido atento para ver se resvalavam para algo inesperado ou falso, mas até ali esteve tudo correcto. Aquele examinar dos factos teve como que um efeito medicinal sobre mim; o meu coração acalmou e as minhas mãos secaram. O que foi óptimo, pois não tardou que a situação comesse a ser menos correcta. Depois de termos concordado que Butades fora morto em determinado dia e de certo modo por um assassino que fugira saltando o muro, o basileu perguntou:

– A quem acusais deste acto? E por que motivo?

– Acuso Filémon, filho de Lícias de Atenas – replicou Polignoto –, um proscrito desta cidade, já condenado por homicídio.

– Vós, parente de Filémon, concordais ou discordais?

– Discordo – declarei.

– Porque acusais Filémon e que provas tendes de que é culpado?

– É um assassino conhecido – respondeu Eutíclides –, um homem desesperado. Sabe-se que partiu para Creta num navio, há dois anos. Este assassínio infame foi cometido com uma flecha nitidamente disparada por um arco de Creta. Esse homem, empobrecido e carente de sangue, precisava de dinheiro. Butades tinha abundância dele em casa, assim como algumas jóias. Certamente tencionava roubar o que pudesse depois do crime, mas foi interrompido. Ou então odiava o venerável cidadão. No entanto... – Eutíclides lançou-me um olhar desdenhoso e triunfante. – No entanto, viram-no a fugir.

– Quem o viu?

– Telemon, cidadão de Atenas.

Telemon adiantou-se, mostrando-se muito contente consigo mesmo, finalmente trajado e aprimorado para a ocasião.

– Eu, Telemon, ouvi Polignoto gritar precisamente quando ia a entrar em casa. Voltei-me para a janela e vi uma figura escura entre as árvores. Corremos para fora... Sabei que eu, senhor, apesar de manco, sou bastante ágil quando a ocasião obriga... E vi o malvado saltar o muro. Tinha o rosto e a cabeça encapuzados, mas, no momento em que formou o salto, ficou com a cabeça descoberta e eu vi que era Filémon. Foi apenas durante uma fracção de segundo... mas não há dúvida de que o vi.

– Pois eu duvido – declarei. – Não estava ainda escuro, sobretudo naquela parte do jardim? Como poderia Telemon ver com tanta clareza?

– É certo que não era dia claro... O sol não brilhava fortemente como ao meio-dia, ha, ha! – respondeu Telemon com uma insolência divertida. – Mas a manhã já nascera, meus senhores... Havia luz suficiente para ver o reflexo de uma cara feia num charco, como se costuma dizer.

– Duvido disso – discordei. – Telemon tem uma nobre idade avançada e a sua visão não é das melhores. – De repente tive uma ideia. – Não quereis vós, ó digno basileu, escolher um cidadão bem conhecido da nossa classe e utilizá-lo para examinar a declaração de Telemon? O interior do pritaneu é um pouco sombrio; permiti que cerrem as janelas e depois mandai o cidadão para o canto sombrio desta sala, junto da porta, e em seguida vede se Telemon consegue reconhecê-lo a essa curta distância.

Telemon mostrou-se visivelmente ofendido.

– Não é tipo de coisa que se faça numa *prodikasia*, meu rapaz.

– Pois não – confirmou o basileu –, tais confirmações de provas pertencem ao julgamento. Mas vós, da família de Butades, estais agora informados de uma defesa.

– Não importa – declarou Eutíclides –, pois temos e teremos outras provas. Era Filémon.

Olhei directamente para Polignoto.

– Vós, que correstes ao lado de Telemon... também o vistes?

Suspirando, fitou-me com benevolência.

– Ai de mim, que posso dizer? Prefiro não jurar em relação a isso. De facto, enquanto corria levava o coração pesado e a cabeça confusa. Vi o miserável saltar o muro... É provável que vislumbrasse o mesmo que Filémon, mas nessa altura nem o rosto nem a figura me diziam alguma coisa. Porém, quando Telemon me informou que se tratava de Filémon, lembrei-me e soube que ele devia estar certo. Não deverei... na verdade, não poderei jurar a sua identificação, pois na altura não o reconheci imediatamente.

– O que é justo, diria mesmo, magnânimo – declarou o basileu.

Apenas me restou fazer uma vénia a Polignoto e voltar-me de novo para Telemon. Já me sentia francamente confuso.

– Mas eu próprio estava presente quando o corpo foi descoberto. Cheguei quase ao mesmo tempo que Eutíclides. E ouvi Telemon e Polignoto descreverem o que tinham visto. Não houve nenhuma menção ao nome do assassino... nem

mesmo à possibilidade de poderem identificá-lo. Na verdade, lembro-me nitidamente de Telemon dizer que não conseguira ver o criminoso. Recordo-me das suas palavras. Uma sombra escura, nem alta nem baixa, nem gorda nem magra, tão-pouco nua. Eu estava lá e ouvi-o. É verdade ou não? – Virei-me para Eutíclides.

O idoso anuiu.

– É verdade.

– Então, por que razão é que Telemon não deu a conhecer o que viu?

– Bem – respondeu Telemon, agitando o pé. Fitou-me com um pequeno e venenoso carregar de sobrolho. Saltava à vista que ainda estava ressentido com a desconsideração feita à sua capacidade de visão. – Porque é como dizeis, senhor.

– Exactamente – confirmou Eutíclides. – Vós estáveis lá. Houve um breve silêncio.

– Não parecerá estranho – prosseguiu Eutíclides – que o único parente do assassino estivesse na cena do crime? Quase no mesmo instante?

Aquela situação aproximava-se temivelmente do perigo de que Aristóteles me advertira. Fiquei com a boca seca. Virei-me para o basileu, sentindo os joelhos a tremer ligeiramente.

– Senhor, perante os deuses mais poderosos, vós e estes nobres cidadãos, declaro-me alheio a este crime hediondo e não me move nenhuma outra preocupação senão a de defender meu primo. Sou um jovem, ignorante da lei e pouco dotado em oralidade. Submeto-me à vossa sabedoria e autoridade, pois não compreendo o que tem estado a ser dito. Alguém me acusa?

– Ó Estéfano – disse o basileu –, nenhum homem retira de vós direitos como ateniense, e existem, como dizeis, mentes mais sábias para vos guiar na lei.

Virou-se para o outro grupo.

– Senhores, considero extremamente irregular acusar o defensor de cumplicidade depois de o caso começar a ser julgado, a não ser que existam razões inabaláveis para tal. Alguém deseja acusar o defensor?

– Não – retorquiu Polignoto com dignidade. – Concordamos em aceitar a sua palavra em como não participou no crime, nem nunca afirmámos o contrário. Na verdade, meia Atenas reuniu-se na nossa desventurada casa naquela manhã fatídica... A sua presença não nos despertou a menor estranheza. Afirmamos apenas isto: como o parente do assassino se encontrava entre nós, Teodoro optou discretamente por nada dizer do que vira diante dele na altura. – Olhou para mim, falando em tom naturalmente informal. – Não vedes, Estéfano, que isso poderia ter sido desagradável para vós? – Voltou-se de novo para o basileu. – Talvez não tenhamos procedido bem na altura ao guardarmos o horrível segredo... mas, recordai, estávamos estupefactos. Preferimos revelar a nossa acusação, um assunto sério, não em pleno tumulto fútil mas na ocasião adequada.

– Compreendemos – disse o basileu. – Ouvistes o que foi dito?

– Ouvi e respondo que as palavras de um homem honesto têm de ser aceites. Talvez tenham visto alguém que se parecia com Filémon... A obscuridade pode conduzir a erros estranhos. Filémon é que não poderia ter sido. Ele não estava lá. Deveis saber que se encontra banido desta cidade, sob pena

de morte. Não se encontra em Atenas já há dois anos. Nenhum de nós o viu, nem mesmo a mãe, uma mulher inválida. Ele não tinha motivo para odiar Butades, nem teria tentado roubar. Seja como for, não parece tratar-se de uma situação de roubo, já que nada foi levado. Mas Filémon não podia tê-lo feito. Não estava cá. Essa é a única razão que alguma vez nos poderia fazer sentir gratos por se encontrar no exílio.

– Tencionais demonstrar e provar que esse tal Filémon estava ausente e não podia ser o culpado?

– Apresentarei provas desse facto.

– Ouvistes a defesa, senhores do clã de Butades. O acusado estava ausente.

– Ouvimos e respondemos que traremos provas de que Filémon estava presente na altura do crime. Apresentá-las-emos na altura do julgamento, senão mesmo antes.

– Alguma das partes tem mais alguma coisa a acrescentar a esta questão? Não? Deveis ambos apresentar-vos diante de mim no próximo mês para a segunda *prodikasia*, altura em que se registarão de novo declarações e apresentarão quaisquer provas. Dou a *prodikasia* por terminada.

Nunca um rapazito se sentiu mais contente ao ouvir o sinal de saída da escola. Desci a colina profundamente abatido. Cada passo levava-me para mais perto do momento em que teria de contar o sucedido à tia Eudóxia.

Três dias depois desta primeira *prodikasia*, a cidade teve nova vaga de melancolia com que se entreter. A mulher de Butades suicidou-se. A escrava favorita encontrou-a (diziam as más-línguas) morta de manhã, decentemente, na sua cama, toda vestida, tendo a seu lado uma taça contendo restos de um veneno (a sugestão generalizada era a de que se tratava de helé-

boro). O triste evento mostrou que a infelicidade ainda assombrava as paredes daquela casa dos Eteobúadas. Ainda que não fosse lamentado em absoluto: o facto de a mulher de Butades não ter sobrevivido ao esposo era encarada com aprovação por muitos, que diziam que no seio das melhores famílias ainda era possível encontrar sentimentos femininos adequados. Polignoto admitiu que vira a mulher chorosa e meio tresloucada depois da morte do marido, e proporcionou-lhe um funeral muito honroso, como são os funerais das mulheres. A morte fora auto-infligida de modo muito feminino, mediante a cobardia do veneno, em vez da coragem do punhal, mas está na natureza das mulheres amarem o prazer e esquivarem-se à dor.

Os boatos alimentaram-se mais alegremente deste acontecimento do que do outro – era bastante chocante para interessar – sem ter o sabor hediondo que azedara qualquer conversa sobre a morte anterior. Reflecti sombriamente sobre o sucedido. Tudo indicava que se quebrara mais um fio que poderia ter conduzido ao verdadeiro Butades, mesmo tratando-se do desaparecimento de uma mulher que eu não conhecera nem poderia conhecer.

– Senti-me surpreendido com o seu suicídio, como não ficaria se não tivesse escutado aquela conversa dos escravos na casa de curtumes – expliquei a Aristóteles.

Fora ter novamente com ele a fim de lhe explicar como haviam decorrido os lúgubres procedimentos diante do basileu... e depois acabei comigo a contar-lhe os pensamentos desconexos que me tinham passado pela cabeça nas últimas semanas. A mulher alta de preto que atirara o anel de ouro para dentro da campa do marido – sim, era a imagem fiel do desgosto, era possível que se tivesse suicidado. Mas que

dizer da que discutira com Butades e escarnecera da sua impotência? A mulher que rira e mandara assar um leitão numa casa enlutada? Porque teria ela, ao que parecia, depois de se empanturrar com tamanha iguaria e de ter bebido fazendo um brinde à sombra de Butades, ido ter com ele ao Mundo Inferior?

– Realmente é estranho – observou Aristóteles. – Mas a natureza humana é complicada. Quem está de fora tem dificuldade em ver o que vai no seio de um casamento. A mulher podia ter perdido o interesse numa vida sem o marido com quem discutir. Os nossos hábitos são mais fortes do que pensamos. Além disso, é possível que ela amasse o marido de verdade... Algumas batalhas domésticas não significam propriamente o contrário. És novo nas lides dos homens e das mulheres, Estéfano, enquanto eu, casado há muito, sou muito versado no tema.

Soltou uma risada, pois, como era evidente, ele próprio, apesar de velho, não o era assim tanto em termos de casamento.

– Mas quanto ao succulento leitão – protestei. – Teria sido um banquete de prazer?

– Isso não é propriamente uma demonstração de prazer. Uma espécie de histeria; uma reacção infantil perante a ausência do marido. Se calhar, andava constantemente a dizer para si mesma: «Eu comeria leitão se o meu marido não me proibisse, dizendo que me provoca indigestão.» Portanto, quando o marido deixa de poder impedi-la, sente-se compelida a experimentar esse prazer. Mas tu deves ter as tuas próprias ideias sobre o assunto.

Olhei de relance para a porta fechada e baixei o tom de

voz, mesmo estando a esposa e os servos de Aristóteles noutra parte da casa.

– Sim – concordei –, tive uma ideia horrível. Ainda antes, já me ocorrera, e este facto parece... ajustar-se, como um dos lados de um triângulo. Por que outras razões é que as pessoas se suicidam? Da dor nascida da culpa, ou de um medo mortal. Ocorrera-me a possibilidade de ela, a esposa, ter sido a assassina... e agora vejo que não é descabido. A princípio deve ter-se regozijado, mas depois foi ficando cada vez com mais problemas de consciência e acabou por se matar sem confessar. Mas receava vir a denunciar-se se vivesse mais tempo.

– É possível – admitiu Aristóteles, não tão perturbado como eu esperara. – O homem é capaz de tudo. Mas, francamente, Estéfano, uma mulher com tantas oportunidades esplêndidas para matar o marido... uma mistura de cogumelos, acónito na sopa, um agasalho que o sufocasse na cama... porque optaria ela por uma sangria tão aparatosa e um homicídio tão chocante? De qualquer modo, a maioria das mulheres detesta ferimentos e sangue.

– Não foi o caso de Clitemnestra.

– Pois não. Mas Clitemnestra tinha Egisto para fazer o trabalho sujo por ela. Imagino que não tenha havido a intervenção de nenhum Egisto neste caso. E que mulher teria tão boa pontaria? Podemos convidar todas as mulheres de Atenas a disparar flechas aos esposos que pouco dano daí resultará.

– Ela podia tê-lo feito – insisti sombriamente. – O disparo foi feito a curta distância. Quem sabe, alguma antiga rixa sanguinária, ou uma espécie de juramento de vingança. Talvez ele tivesse de sofrer uma morte sangrenta. E depois ela teve de morrer porque foi demasiado terrível.

– Talvez ele tivesse de sofrer uma morte sangrenta – repetiu Aristóteles. – Essa é muito boa, Estéfano. Mas repara... Nós não queremos que a mulher de Butades seja culpada, pois não? Se assim fosse, as hipóteses de ilibar Filémon cairiam completamente por terra. Existem demasiados «talvez» naquilo que dizes. Continuo a achar que este tipo de crime é obra de um homem. Um dos aspectos positivos da *prodikasia*, pelo menos, foi o de a tua cumplicidade ter sido posta em causa e depois completamente afastada.

– Mas está tudo pior que antes – objectei. – Eutíclides mostra-me grande hostilidade. E agora afirmam que viram Filémon. É monstruoso. Tenho a certeza de que Telemon não podia ter-lhe visto o rosto àquela hora e àquela distância.

– Nisso eu próprio acredito firmemente, e talvez se possa fazer algo no julgamento para lançar a dúvida sobre essa prova. A tua proposta para testar a visão foi ótima... Pena que a utilizasses tão cedo. Ainda nos falta conseguir duas coisas: *a)* provar a ausência de Filémon na altura e *b)* obter informações sobre Butades. Se houver uma vingança, é para Butades que temos de nos voltar a fim de descobrirmos o motivo.

– Não temos onde procurar nenhuma dessas provas – observei.

Aristóteles serviu-me vinho.

– Lembrei-me de um lugar – acrescentou – onde talvez possamos tentar descobrir a verdade. No Pireu. Há marinheiros de regresso que talvez tenham visto ou ouvido falar de Filémon. Há barcos e homens que trabalham neles, e estes poderão dar informações sobre Butades e a trierarquia. Tenho ideia de que esses homens do mar poderão ajudar, pelo menos na defesa de Filémon.

– Sim – concordei, duvidoso. – Eu podia ir ter com eles e fazer perguntas...

– Se fores fazer perguntas, nada conseguirás. Um homem de bom nascimento e educação, a evidenciar-se, a fazer perguntas. Não. Oh, eles aceitariam o teu dinheiro, tratar-te-iam delicadamente e dir-te-iam o que porventura agradasse ao ouvido oficial. Alguns reconhecer-te-iam imediatamente como o defensor deste caso. Com a cabeça cheia de desconfiança, medo e imagens de tortura, dar-se-iam a grandes cuidados para não dizerem nada de útil. Deves tagarelar com as pessoas em ocasiões normais, pelo menos no início. Não sejas tu mesmo, faz-te passar por outro. Vai disfarçado, como Ulisses fez com o porqueiro.

– Disfarçado? Como um actor? Aristóteles, isso acontece nas histórias famosas, mas na vida real...

– Na vida real também acontece. Como achas que Alexandre mete os seus espões em território inimigo? Já que falo nisso, um dia destes conto-te as minhas viagens pela Ásia. Não estou a pedir-te que passes por uma metamorfose maravilhosa. Dá simplesmente um passeio até ao Pireu em vestes rurais, com um pouco de terra debaixo das unhas. Compõe um aspecto vulgar. Fala à maneira da terra... mas não exageres. És um homem da região por trás de Atenas, de visita a um parente afastado no Pireu. Entra numa taberna, bebe sossegadamente, imita um rústico fatigado a dar descanso aos pés. Receio que só o possas fazer duas ou três vezes. Não queiras dar nas vistas. Claro – prosseguiu Aristóteles, entusiasmando-se com a ideia –, se quisesses manter um disfarce, deverias apresentar-te regularmente por lá como vendedor de legumes...

– Aristóteles, eu não irei vender legumes para o Pireu...

– Como quiseres. Seja como for, provavelmente não te saírias bem. O teu problema, Estéfano, é seres tão respeitável. Repara – prosseguiu, complacente, olhando em torno para a elegante sala –, eu sou instruído, bem-nascido e até rico... mas não sou ateniense e tão-pouco muito respeitável. Faria de vendedor de legumes se fosse preciso. Lembra-te, a tua honra sagrada, como ateniense, como parente, como homem, está empenhada na defesa de Filémon. Nada, nem o próprio mal em si, pode molestar a tua verdadeira honra. Seria Ulisses um homem desonrado? Vai, pois, ao Pireu. Não contes a ninguém. Mais vale que os acusadores nada saibam sobre o assunto. Portanto, nem à tua família, nem ao pessoal da casa. Mas tenta uma vez ou duas.

Levantámo-nos e eu preparei-me para sair.

– Guarda o que vires e ouvires em compartimentos separados na tua mente, como um médico que recolhe amostras. Não as mistures antes do tempo. E sorri de vez em quando. É um jogo do mesmo tipo. Fico ansiosamente à espera do que depois tenhas para me contar.

Murmurei algo sobre não querer ocupar-lhe o tempo, o que não foi muito delicado. Sentia-me ofendido por ter ido ver o meu mestre e ele me mandar embora com instruções para me tornar um camponês... ou um vendedor de legumes.

– Oh, eu tenho sempre tempo para ouvir os outros – retorquiu Aristóteles brandamente.

Pouco antes de o dia raiar, um jovem camponês, envergonhando roupas grosseiras e sapatos cambados, partiu em direcção ao Pireu. Era eu. Precisara quase de uma semana para me

resolver a seguir a sugestão de Aristóteles. Depois tive de arranjar o disfarce, e para o fazer secretamente, sem confiar em ninguém, nem mesmo nos escravos, precisei de vários dias. Naquele momento, ao pôr-me a caminho, sentia-me um aldeão labrego numas Leneias. Os sapatos cambados, que não tinham sido feitos para mim, magoavam-me os pés, o que me fazia andar devagar. Saía de casa bem cedo, para não ser visto, mas não queria chegar ao Pireu antes de as pessoas aparecerem e eu poder passar despercebido nas ruas apinhadas. Depois de sair de Atenas, cheguei-me à beira da estrada e mexi no solo, arrancando erva rija e sujando as mãos nas raízes. Parti uma unha ou duas e arranhei a terra para a seguir a esfregar na cara. Estivera a chover e estava tudo húmido: a que me ficou debaixo das unhas metia-me nojo. Assim que começou a clarear um pouco, olhei-me numa pequena poça a ver o resultado. Naquele despontar da manhã e reflectido naquele espelho turvo, eu ficara realmente com ar de idiota. Dei uma esfregadela mais artística à cara, para ter a certeza de ficar mais bem disfarçado, e pus-me a caminho com a sensação de que, naquele momento, o que mais prazer me poderia dar era um banho.

Quando cheguei ao Pireu, que tresandava a peixe, pus-me a andar às cegas pelas docas. Estava-se no início do Inverno, altura em que os barcos procuravam proteger-se dos grandes temporais e permaneciam acostados para serem reparados, até se fazerem novamente ao mar na Primavera. Havia embarcações ao longo de todo o areal, barcos de pesca e navios mercantes, muitos voltados para baixo ou deitados de lado, fazendo lembrar conchas vazias. Os abrigos destinados a proteger os navios de maior porte e valor ficavam na ponta mais

afastada, e algumas das embarcações mais pequenas boiavam ao lado do quebra-mar. Viam-se muitos marinheiros por ali, e o barulho intenso de martelos e de serras enchia o ar.

Caminhei lenta e penosamente, de boca aberta e olhar admirado como um rústico; para dizer a verdade, até sentia uma certa curiosidade, pois era a primeira vez que ia àquele grande porto. Por fim, encontrei um espaço vazio na muralha, ao sol, onde me sentei como que num teatro, ficando muito quieto, qual camponês em férias. A luz do Sol não era excessiva; a manhã foi ficando enevoada à medida que avançava, e sobre o mar pairava um ligeiro nevoeiro. As cores da aurora haviam-se retirado da água, que era agora uma extensão plana e cinzenta. Conseguia ver, através do nevoeiro, dois barcos de pesca perto da costa. Livres do porto, esses barcos podiam seguir para oeste, rumo ao istmo, ou para leste, ao longo da costa da Ática, em direcção ao promontório de Súnio, com o majestoso templo a Posídon no cimo. Mais perto do porto erguia-se a ilha de Egina, uma mancha amarelo-acastanhada. Desviei o olhar para a vista mais próxima; do lugar que escolhera podia observar a reparação de um navio mercante e escutar os homens que nele trabalhavam. O cheiro do mar misturava-se com o da madeira e o do alcatrão, que borbulhava em pequenos potes colocados sobre a fogueira.

Os trabalhadores eram dois homens e um rapaz; dirigiram-me um aceno de cabeça à minha chegada, mas depois disso nunca mais me prestaram atenção. A sua conversa não se revelou, a princípio, muito interessante: instruções do indivíduo mais velho, insultos, piadas, referências a outros marinheiros e outros barcos. A certa altura, o homem mais jovem perguntou:

– Achas que este lindo cruzador se porá ao mar com Alex na Primavera que vem?

– E porque não? – respondeu o outro. – É célere como poucos. Sua Majestade do Norte quer barcos velozes para as suas grandes guerras... e os de Atenas são, de longe, os melhores. Eia! – Bateu no lado do barco. – Não tarda estás a ouvir o som de tiros, meu querido. Tu, ó imbecil! – Para o rapaz. – Vai buscar mais um bocado de peixe, mas tem-me cuidado, senão cozo-te nele e vendo-te para salsichas!

– Já lá vai tanto tempo desde a última vez em que estive em batalha – comentou o segundo homem. – Eu cá já nem me lembro como foi. Este ano, tenho sido encarregado dos carregamentos de cereais... daqui para Creta e de lá para cá. Vai haver muito comércio desse, pois os armários de Atenas estão muito vazios. O mercador tem um negócio estável e não há estrangeiros estupefatos a tentar abrir buracos no casco.

O mais velho escarrou para os seixos da praia.

– Trabalho reles. Eu cá não me importava de me meter numa luta com aqueles persas. Muito ateniense valente entra para o serviço de Alexandre. Não é assim, ó campónio? – Dirigia-se a mim, evidentemente. Atirou-me uma lasca de madeira para me chamar a atenção. – Gostarias de deixar os teus regos poeirentos, hem, meu amigo? Saltar para dentro de um barco e ver o mundo?

Fiquei a olhar para ele com ar embasbacado e abri a boca silenciosamente, como quem começa, a pouco e pouco, a reflectir numa ideia nova.

– Um moço vigoroso como tu, meu forte trabalhador da terra, com bons braços musculados para remar e pernas fortes para correr para a batalha ou, quem sabe, fugir dela. Que

achas de te alistares? Ver o mundo... a costa de Tróia, possivelmente por onde Alex andou como Aquiles.

– Já ouviste falar em Tróia, amigo? – perguntou o outro com esperteza e condescendência. – Em tempos deram-se várias batalhas por lá, à conta de uma rameira e de um cavalo.

– Depois – continuou o outro –, segues para as cidades da costa, rumo ao Egipto, de escudo em punho, marchando pela paisagem como uma tartaruga, em direcção à Pérsia, e saquear a cidade de ouro.

– Ah – exclamou o companheiro, começando a entoar uma canção obscena:

«Dario chorará
e arrancará os caracóis
Quando os Gregos o ouro persa pilharem
E as raparigas persas conquistarem...»

– Ah, pois! – exclamei com uma animação um tanto lerda. – É vida de homem, sim senhor. Mas Atenas chega-me. Além disso – acrescentei depois de uma pausa –, poucos atenienses vão com Alexandre. Não é bem a nossa guerra, pois não? É sobretudo dos Macedónios, ao que sei.

– Tu nada sabes – reforçou o mais velho. Ele e o companheiro assobiavam enquanto substituíam uma tábua velha por outra nova. O rapaz remexia no pote de alcatrão. – São em bom número. Alguns combatem os Persas pela glória e pela oportunidade de pilhagem, outros, para variar... e pela possibilidade de pilhar, é claro. Dizem que anda por lá um rapaz todo valente que teve uns problemas na terra... Deve ter sido

por roubar ou meter-se em lutas. Partiu para terras estrangeiras e acabou por se alistar.

– De Atenas não vão muitos – insisti, obstinadamente.

– Nem conheço nenhum como dizeis.

– Os teus valentes vizinhos é que não devem ser, amigo, mas há outros. O Verão passado a Ásia fervilhava deles. Quando aportámos em Éfeso, dei de caras com cinco ou seis. Um tipo, que era zarolho, dizia chamar-se Démocles, lembro-me bem. Veio de uma quinta mesmo nos arredores de Atenas; deixou mulher e quatro filhos. – Bateu enfaticamente com a sua marreta. – E um rapaz magrito do curtidouro que tinha roubado o pote de dinheiro do amo e estava cheio de pressa para entrar para o exército. E um sujeito alto chamado Filémon. Belas falas, muito à vontade. Esse viera da cidade. Convidou-me para tomar um copo numa das tabernas das docas. Disse que combatera na grande batalha e tencionava voltar a alistar-se. Queria saber novidades de Atenas.

Parecia demasiado bom para ser verdade. O meu coração disparou, mas mantive o rosto sereno.

– Em que trapalhadas se meteu esse? – perguntei.

– Uma luta numa taberna, foi o que disse. Mandou um homem para o Hades por acidente, por assim dizer, quando estava em fúria. O tipo de coisa que pode acontecer a qualquer um... mas ele teve de se escapular. Era mesmo um tipo bom para soldado: grande e bem musculado. Não tinha propriamente uma constituição de marinheiro, mas pagou a sua passagem para Creta a trabalhar no remo.

– Eu cá gosto das coisas calmas – afirmei. – Não sou ladrão nem brigão. Bela gente essa com quem dar de caras numa estrada escura, o vosso pequeno curtidor, para vos limpar os

bolsos, e esse grande fanfarrão, o tal Filémon, para vos limpar o sebo.

– Ah, pois – exclamou o segundo homem sarcasticamente –, se preferes ficar sentado debaixo de uma árvore à espera de que as azeitonas venham parar-te à boca, não serves para a guerra.

– Esse tal Filémon era bom sujeito – insistiu o outro. – Agora aqui só entre nós, eu cá penso que ele era aquele tal que deu por ali muito que falar. – Fez um gesto na direcção de Atenas com a cabeça. – Mas espanta-me que possa cá ter voltado outra vez, pois vi-o seguir para leste ainda não há dois meses. Ele deixou escapar, no meio dos copos, que tinha uma mãe velha em Atenas e que não voltaria a vê-la, mas que não arriscaria o seu esconderijo de foragido por uma velha. E porque haveria ele de matar velhos lá na terra quando havia para aí guerras para onde ir? Claro que ele foi para leste, onde pararam as batalhas, não ficou aqui. Faz-me espécie, mas também não é da minha conta.

– Isso mesmo – concordou o outro. – Há que ficar afastado da lei e das questões dos ricos dentro das muralhas. Nada disso é para nós.

Sentia-me inebriado de alegria. Nada mais disse sobre Filémon; porém, não arredei pé do sítio, como se me tivesse sentado em cima de alcatrão. Fiquei ao pé dos dois sujeitos, a escutar as suas histórias e a admirar-lhes o barco. Tornei-me um pouco mais conversador e expliquei que viera visitar um amigo que não encontrara em casa e que o meu pai tinha umas territas a norte de Atenas. Acabei por convencê-los a aceitar o meu convite para uns copos na taberna mais próxima do Pireu. Que horrível vinho aguado servia, quase me engasgou, com-

binado com o cheiro a suor, alcatrão e peixe seco numa sala fechada. Mas não precisei de perguntar para descobrir como se chamavam os dois homens e também por onde tinham navegado durante o Verão e com que comandante, de modo a poder identificá-los claramente mais tarde, claro. Era o rasto do mais velho que me interessava, como é evidente, aquele que vira Filémon. Peleio, marinheiro, filho de marinheiro; servira num barco que transportava armas e mantimentos para as cidades costeiras acabadas de conquistar durante o Verão.

Depois de os deixar, tive dificuldade em me entreter durante o resto do dia. Não queria voltar a Atenas, pelo menos enquanto a noite não começasse a cair. Passei-me pelo Pireu, perguntando ocasionalmente o preço do peixe, tentando não dar nas vistas, e acabei por passar pelas brasas num recanto afastado da praia coberta de cascalho. Ainda pensei em ir até uma das pequenas casas de Afrodite, de que o Pireu está bem fornecido, mas não me imaginava a arranjar uma rapariga que não cheirasse a lulas fritas. Acabei por sair da vila ao cair da noite naquele princípio de Outono, levando dois peixes pendurados num pau como qualquer rústico acabado de vir do mercado.

No dia seguinte, ao reflectir sobre a minha excursão, não me senti especialmente animado. Não havia dúvida de que obtivera algumas informações; até arranjava uma possível testemunha e podia esperar que aquele marinheiro não abandonasse a nossa costa durante o Inverno. Mas o máximo que a minha testemunha relutante poderia determinar era que Filémon andara pela costa asiática pouco antes do homicídio. Os acusadores poderiam retorquir que, apesar de tudo, ele teria tido tempo suficiente para voltar a Atenas se o desejasse. Eu

próprio estava convencido de que Filémon seguira para leste, como o marinheiro imaginara. Não; o marinheiro representava uma oportunidade valiosa para lançar a dúvida sobre a acusação, pois o seu testemunho reforçaria a alegação de que Filémon não se encontrava em Atenas na altura fatídica, porém não era suficiente para dar firmeza ao meu caso. Descobrir mais informações sobre o paradeiro de Filémon seria esperar demasiado. Apesar de tudo, ainda tinha alguma esperança de que tal viesse a acontecer, pois os deuses pareciam estar, pela primeira vez, a meu favor.